ATA DA CONFERÊNCIA

SESSÃO DE ABERTURA

Maria das Dores Meira, Presidente da Câmara Municipal de Setúbal

Exma. Sra. Presidente Conselho Nacional de Educação, Dra. Maria Emília Brederode dos Santos
Exmos. Srs. vereadores e presidentes de Juntas de Freguesia do Município de Setúbal
Exmos. Srs. autarcas
Digníssima Comissão Científica constituída pela Dra. Ângela Lemos, Dra. Gina Lemos e Dra. Ana Costa
Exmos. Srs. e Sras. conferencistas, oradores e moderadoras
Exmos. Srs. e Sras. docentes, não docentes, técnicos, representantes de associações de pais
Senhoras e senhores

Quero, em primeiro lugar, dar a todos as boas-vindas a esta V Conferência Anual de Educação promovida pela Câmara Municipal de Setúbal e que, nesta edição, tem como tema Educar na cidade, a cidade que educa.
Para nós é sempre uma alegria e uma honra receber na nossa cidade tão importante e qualificado grupo de gente ligada ao processo educativo que aqui vem pensar e debater em conjunto.
Com esta conferência quisemos criar um espaço anual de encontro, reflexão e capacitação da comunidade educativa onde, com a ajuda de especialistas das ciências da educação e com o intercâmbio de experiências locais, nacionais e internacionais, procuramos novos caminhos e definimos ações concretas e adaptadas às especificidades do território.
Importa salientar que esta iniciativa resulta também da candidatura Setúbal, um mundo de desafios, no âmbito do POR Lisboa PT 2020 medida 10.1 – Planos Inovadores de Combate ao Insucesso Escolar.
Se faço esta referência é porque quero destacar — num momento em que se transformou em tema de aceso debate a questão da distribuição dos fundos comunitários para a nossa península — que aqui, em Setúbal, temos sido um dos municípios que mais candidaturas tem apresentado a estes fundos, além de sermos um dos concelhos da Área Metropolitana de Lisboa com maior taxa de execução destes dinheiros.
Estamos plenamente de acordo com a necessidade de alterar e aumentar a distribuição dos fundos europeus pelos municípios da península, mas esta não é uma posição que resulte de mero interesse eleitoral. É uma posição assumida há anos na qual temos, coerentemente, insistido e na qual, aliás, continuaremos a insistir.

Esta conferência anual de educação é, afinal de contas, a concretização dos objetivos programáticos que estabelecemos para o presente mandato autárquico, enquadrados nos princípios da Carta das Cidades Educadoras, nos princípios da Rede Global de Cidades de Aprendizagem da UNESCO e nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 2030.

Significa isto que entendemos a cidade enquanto espaço educativo onde se educa através de projetos e atividades, seja nas áreas da cultura, participação, ambiente, património ou da juventude, entre muitas outras.

Um espaço educativo que resulta do investimento em equipamentos culturais, desportivos, escolares, sociais ou da recuperação do património, entendido também como identidade e memória e preservação do ambiente.

Que resulta de investimentos em espaços de lazer e na melhoria dos serviços públicos.

O que procuramos edificar é uma cidade que possa igualmente ser utilizada como recurso educativo ao serviço das escolas, das famílias e de toda comunidade.

Esta é a cidade que educa todos e todas e onde todos e todas têm um compromisso com a educação e, naturalmente, uma função educadora.

Acreditamos que, assim, é possível crescer com autonomia, sentido de pertença e sentido cívico.

Embora na sociedade portuguesa a cidade e os centros urbanos sejam muitas vezes confundida com o seu poder local, a verdade é que são muito mais do que isso.

A cidade somos todos, porque todos somos seus construtores.

Em Setúbal temos enorme orgulho de contruir diariamente Mais e Melhor Cidade, temos orgulho nos variadíssimos projetos e atividades que fazem de nós uma cidade educadora.

Permitam que vos fale das nossas atividades náuticas ou da pista de atletismo utilizada como recurso educativo, das escolas de natação, no programa Desportivamente em Reforma ou no GoArrábida, equipamento municipal que favorece a descoberta da nossa serra.

Encaramos também como espaço de excelência para o desenvolvimento do processo educativo a Biblioteca, onde promovemos o Clube de Leitura de Verão, os nossos museus, o Festival de Música de Setúbal, que tem forte envolvimento das nossas escolas e de toda a comunidade escolar, a Festa da Ilustração, o Festival de Teatro, ou a programação da nossa Casa da Cultura.

E depois temos programas como o Setúbal mais bonita, que envolve a comunidade educativa em ações de melhoria do ambiente urbano, ou o programa Nosso Bairro, Nossa Cidade, programa de participação cidadã dos moradores dos bairros de habitação pública municipal no qual são desenvolvidas várias ações de Estudo Acompanhado.

Importa ainda destacar a integração do nosso município, em julho passado, na Rede Global de Cidades de Aprendizagem da UNESCO e a nossa participação na Associação Internacional das Cidades Educadoras desde 2012.

Termino insistindo nas boas-vindas que vos dei há pouco.

As boas-vindas a esta conferência, mas, acima de tudo, as boas-vindas à nossa cidade, com o desejo de que possam ter ainda tempo para desfrutar algo do muito de bom que aqui temos para oferecer.
Finalmente, desejo a todos um bom trabalho e que daqui possam levar novas experiências e novos ensinamentos para aplicar nas vossas vidas profissionais.
A todos e a todas, muito obrigada por aqui estarem.

MESA REDONDA | "EDUCAR NA CIDADE, A CIDADE QUE EDUCA"

Miquel Àngel Essomba Gelader | Doutorado em Pedagogia e Professor | Universidade Autónoma de Barcelona

Sr. Vereador, colegas da mesa redonda, muito bom dia e muito obrigado pelo convite para estar aqui, em Setúbal. É um prazer estar numa cidade educadora, das mais importantes da Associação Internacional das Cidades Educadoras. Quando fui presidente da Associação, tive a oportunidade de constatar que Setúbal tem, verdadeiramente, a educação no coração. O meu espanhol é melhor que o meu "portunhol", por isso vou falar em espanhol para poder explicar melhor as ideias que quero partilhar convosco esta manhã.
A primeira coisa que desejo partilhar convosco é que o objetivo que as Cidades Educadoras estabeleceram entre cidades e educação é, em geral, uma relação positiva. Contudo, devemos também reconhecer que esta relação entre cidades e educação nem sempre é positiva. Às vezes as cidades têm uma estrutura que não facilita as relações educativas, às vezes as suas ruas, as suas avenidas, fragmentam a cidade e as relações entre as pessoas. A relação entre cidade e educação pode ser positiva, mas nem sempre o é. Mas quando é que assim é? Quando contemplamos uma terceira variável, um terceiro elemento que é fundamental: a comunidade! A comunidade significa estabelecer relações entre as pessoas, dar um novo significado aos espaços públicos, não como lugares de trânsito, mas como lugares para estar; não como espaços para caminhar entre espaços fechados, mas como um espaço com sentido próprio, um espaço onde se possa construir educação e, portanto, relações. A comunidade levanta-se como um elemento contrário, diferente do gueto. O gueto é a metáfora da cidade que fragmenta, da cidade que segrega, que rompe a comunidade e, portanto, é uma cidade onde a educação não é possível. A metáfora da comunidade permite-nos sonhar realmente com uma cidade educadora.
É importante recordar o conceito de educação comunitária como um conceito estreitamente vinculado à ideia e ao coração da cidade educadora. Trata-se de um conceito que teve sobretudo dois grandes pontos de origem: a América Latina, onde o conceito de educação comunitária significa uma reivindicação do indigenismo, da diversidade cultural, do reconhecimento, da

igualdade e da independência das pessoas da sua origem cultural; e, depois, a aproximação mais nossa, mais europeia, na qual identificamos a educação comunitária como um espaço de compromisso social, de luta contra as desigualdades. Temos educação comunitária nas nossas cidades educadoras, nos espaços urbanos nos quais é preciso romper as fronteiras invisíveis, mas tangíveis, das desigualdades. Esta conceção da educação comunitária seja de uma perspetiva, seja de outra, conduz-nos a um elemento muito significativo quando falamos de cidades educadoras. A cidade educadora é um projeto, sempre em permanente construção, a cidade educadora é uma realidade, na perspetiva de algo que se move, algo que avança, algo que está por chegar. Se a cidade educadora fosse uma realidade fechada, perderia o seu sentido, por isso, dizemos que a contribuição da educação comunitária para o desenvolvimento das cidades educadoras, requer e exige umas condições que nem sempre se produzem no âmbito da cidade. A educação comunitária não é um ponto de saída para a construção da cidade educadora, mas sim um ponto de chegada. Algo que requer uma série de processos prévios, intensos, complexos e sistémicos que produzam as condições para que seja possível essa educação comunitária e, portanto, a configuração de uma cidade educadora plenamente em funcionamento. De todos os modos, a configuração de condições para gerar uma cidade educadora não é fácil porque sabemos que partimos de uma série de deficiências importantes das nossas cidades, que se configuram como obstáculos e dificuldades para alcançar o sonho e o seu objetivo. De seguida, falarei de alguns deles, com a esperança e o desejo que possam resultar em objeto de discussão e de reflexão, não só hoje, mas de forma quotidiana, porque muitos deles supõem barreiras importantes para alcançar a plenitude do projeto da cidade educadora. O primeiro deles tem a ver com o que podemos entender como a realidade veiculada a quem cria condições de educação comunitária. Para que a cidade educadora seja possível, seja uma realidade, temos de destacar essencialmente, a vocês, o que vocês representam, profissionais de educação, seja dentro da escola, seja no âmbito da educação não formal, os protagonistas de ativar e dinamizar processos de educação comunitária e gerar condições para que seja possível, são pessoas, profissionais com formação em educação, em pedagogia que tomam o seu tempo profissional para desenvolver estes processos. Mas qual é também a realidade? Em muitas ocasiões, estes profissionais de educação nos espaços públicos onde se deseja construir educação comunitária, condições de educabilidade urbana ao nível da cidadania, são pessoas que assumem a liderança dos processos educativos. Quando digo liderar, essa liderança deveria corresponder às próprias pessoas, às próprias comunidades, aos próprios bairros, à própria população. Isto é uma condição fundamental para o sucesso dos processos, porque de alguma forma podemos dizer que os profissionais de educação atuam de certa maneira como colonos pedagógicos. Desenvolvem processos de colonização pedagógica porque vivem nos arredores das cidades, em outros bairros, com as suas famílias, com os seus círculos de amizades e dedicam o seu dia de trabalho a bairros economicamente desfavorecidos; para

depois, quando acabam o dia de trabalho, regressarem a casa. Mas, contudo, o bairro desfavorecido fica lá. Desta maneira torna-se difícil promover processos sustentáveis ao nível da educação comunitária, no contexto de uma cidade educadora, porque as lideranças e os processos de desenvolvimento necessitam das vinte e quatro horas do dia, dos sete dias da semana e, portanto, mudar a perspetiva de liderança na qual sejam realmente as pessoas, os cidadãos e as cidadãs dos bairros a assumir a liderança plena dos processos de construção de educação comunitária e os profissionais. Eles são chaves para o conseguirem, mas deveram assumir o papel de facilitadores e não de liderança, sendo por isso, um componente essencial, um componente básico para a construção do objetivo que estamos a planear.

Alguns de vocês dirão que quando tentamos apoiar as pessoas das comunidades o trabalho é muito difícil, é muito lento: é verdade! Mas eu digo-vos, se vocês fundamentam a realidade de construção da cidade educadora só nos profissionais, não resultará difícil e lento, resultará impossível. Há um provérbio japonês que sempre nos recorda que quando alguém caminha sozinho como o profissional de educação, muitas vezes está só, no seu bairro a trabalhar, costuma ir mais rápido. Quando esse profissional vai acompanhado, diz-nos o provérbio que costuma chegar mais longe.

Outra das realidades que é importante recordar, como dificuldade para este trabalho, tem a ver com tudo o que está relacionado com a perspetiva do que podemos denominar de “saco roto”. E o que quer dizer isto? Que muitas vezes quando estamos a trabalhar na perspetiva da educação comunitária e queremos trabalhar desde o enfoque de trabalho coletivo, normalmente focalizamos a nossa atenção nas pessoas mais desfavorecidas, naquelas pessoas que apresentam umas características que requerem um apoio especial. Isso é necessário, mas provavelmente desde uma perspetiva complexa de educação comunitária, num contexto de uma cidade educadora, isso não é suficiente. De outras perspetivas tomamos consciência de que a educação comunitária é um instrumento privilegiado para combater a desigualdade social, mas essa luta contra a desigualdade social serve de pouco se desenvolvermos atividades somente com pessoas que estão a sofrer os efeitos negativos da desigualdade. Essa atuação sobre essas pessoas, se não está trabalhada e combinada com outras atuações sobre o conjunto da população, torna muito difícil a sustentabilidade do projeto de uma cidade educadora no âmbito comunitário. Algo que em certa medida tem a ver com a perspetiva de tentar encher um saco, que tem um furo, e que não permite armazenar e construir o conjunto de todos os elementos necessários para a construção desse projeto. Algo que tem uma relação muito direta com uma reflexão sobre onde nos deve levar a cidade educadora, porque temos também de nos fazer uma pergunta: a cidade educadora é toda educadora ou só geramos projetos veiculados com a cidade educadora em alguns bairros e em outros não? E porquê que existem bairros onde, às vezes, não atuamos desde uma perspetiva comunitária da cidade educadora? Muitas vezes quando nos colocamos estas questões sobre se a educação comunitária, e por extensão a noção

de cidade educadora, é um elemento de carácter e de natureza universal, damo-nos conta que tendemos a focalizar as nossas propostas, fundamentalmente, em determinados contextos mais desfavorecidos. Tal realmente supõem uma perspetiva que dificulta a sustentabilidade do projeto da cidade educadora porque, no fim, está a construir uma cidade dual. Queremos realmente garantir que determinados grupos de cidadãos e cidadãs disponham de qualidade de vida positiva, mas não nos damos conta de que isso depende da rutura de barreiras e fronteiras invisíveis que percorrem as ruas das cidades e que dificultam seriamente a possibilidade de construir um autentico marco, onde qualquer cidadão se sinta plenamente reconhecido. Até que que não alcancemos a possibilidade de que a cidade educadora seja um conceito universal e de que os projetos e a promoção da educação comunitária cheguem a todo o mundo, incluindo aos bairros de pessoas com mais recursos às vezes parece que não é necessário nada nestes bairros, mas muitas vezes é mais necessários que em outros contexto. A educação para determinados valores e práticas sociais será difícil alcançar ótimas condições para que o projeto de uma cidade educadora seja estável e forte no tempo.

Também quero referir, para ir terminando a minha intervenção, que somos representantes de cidades que vivem num tempo com novos desafios marcados pelas novas tecnologias, que configuram novos espaços de relação e que nos permitem os intercâmbios e a construção de comunidade, a construção da cidade a partir da deslocalização ou da assíncrona, fora do tempo e fora do espaço. As comunicações através da tecnologia abrem um novo universo de possibilidades de construção comunitária, mas eu desejaria insistir na necessidade de que os grupos de WhatsApp. Quantos de vocês têm grupos de WhatsApp nos telemóveis? Podem levantar a mão? Eu diria ao contrário. Quem é que não tem um grupo de WhatsApp no seu telemóvel? Poucas mãos levantadas. Os grupos de WhatsApp são uma oportunidade para poder construir uma boa coordenação, uma comunicação eficaz em determinados momentos. Não nos podemos esquecer que a educação comunitária num contexto de cidade que educa e de uma educação que constrói a cidade é uma educação do olhar, é uma educação do tato, é uma educação da escuta, é uma educação que transparece através dos sentidos e da presença. Essa educação comunitária que para arrancar requer e precisa dessa educação básica essencial da presença, para que possa ser construída. E logo virão os grupos de WhatsApp e as novas tecnologias para ajudar na coordenação e nos elementos de apoio, mas não há nenhuma cidade educadora que seja contruída e que possa ser construída através de um grupo de WhatsApp cidadão.

Outra ideia que quero transmitir, a penúltima ideia, é que também temos de colocar a questão se realmente quando queremos projetar projetos de educação comunitária em contextos de cidade educadora, reunimos algumas condições básicas. Em muitas ocasiões pretendemos levar a cabo processos de educação comunitária em meios onde os cidadãos e as cidadãs têm dificuldades tão graves, relacionados com questões habitacionais, com a alimentação, com

elementos tão básicos da sua vida que a educação comunitária não é uma prioridade. Portanto, construir uma cidade educadora desde uma perspetiva comunitária tem de ser, sem dúvida alguma, um processo que conduza, de forma paralela e complementária, a uma melhoria da qualidade de vida das pessoas. Aquelas cidades que considerem que com uma mão direita se continua a fomentar a desigualdade económica, mas que, com a mão esquerda, (para que fique bem politicamente, para "lavar" a imagem e o prestígio político da cidade e ter um discurso politicamente correto) vamos gerar o grande discurso e o grande projeto de uma cidade educadora. É um projeto que conduz ao fracasso, à resignação e sobretudo à frustração porque, obviamente, num cenário com as características que acabo de descrever com a mão direita fomentamos, de forma implícita, a desigualdade económica; com a mão esquerda levantamos e construímos projetos de igualdade social, cultural e educativa. Isso não nos deixa num lugar de posição zero, deixa-nos em pontos negativos. Qualquer pessoa que, como Sísifo, deseje voltar a levantar e a organizar o projeto educativo da cidade educadora, custar-lhe-á muito mais porque a memória da cidadania reterá a imagem de que uma vez se tentou e não se conseguiu, porque se estava a fazer mal, não se estava a "jogar limpo".

A última ideia, com a qual quero acabar, é a de realçar a importância da construção dos processos identitários. A cidade quando não é educadora não tem a educação no coração, como têm vocês aqui, em Setúbal. Os processos de construção identitária não se geram desde o respeito à diferença, senão desde um aprofundamento da diferença, o magma complexo do envolvimento urbano, que não é educador, origina individualismo. Um individualismo construído desde contraculturas, respeitante ao standart hegemónico que nem sempre têm uma orientação positiva, tentando simplesmente, às vezes, reforçar e resistir aos que são os processos de trabalho desde uma perspetiva negativa. Por isso, aplaudo a iniciativa que em Setúbal estão a ter, e que ontem à noite pude ver e que hoje vi no vídeo que foi apresentado; de integrar os jovens que utilizam a arte urbana no espaço público. Em vez de trabalharem do ponto de vista negativo, com o castigo para os jovens que pintam as paredes e os muros da cidade. Essa lógica de utilizar os processos identitários em positivo e não como uma contracultura contra a hegemonia, mas com identidade própria que regenera diferenciações positivas de construção de comunidade é certamente o espaço positivo. Até que o patinho feio se deu conta de que era um cisne, passou muito tempo e sofreu muito e teve de percorrer um longo caminho, por isso, tentemos que as nossas gerações mais jovens e adultas aprendam cedo que não são patinhos feios. Que simplesmente têm identidades que permitem construir a cidade de formas alternativas e que são perfeitamente integráveis nos nossos espaços cidadãos habituais.

Portanto, quero recordar que estes seis elementos, estes seis eixos que acabo de descrever, assumem-se como fundamentais para alcançar as condições que permitem que a educação comunitária não seja um discurso, mas sim um projeto de prática que nos permita desenvolver

a noção de cidade educadora. Uma cidade que segundo o conceito de Henri Lefebvre, está muito mais relacionada com "cité": a cidade das pessoas, dos vínculos, das relações; do que com a cidade física, a arquitetura, o espaço urbano sem sentido, plenamente comunitário e dotado de um sentido de humanidade. Por isso, dizemos claramente que a cidade educadora é capaz de construir condições de educação comunitária. É a cidade que permitirá, não só a possibilidade de novos cenários, de igualdade social e de equidade, senão também de felicidade para os seus cidadãos e cidadãs. Quero reivindicar o valor profundo e o direito de que o objetivo máximo de uma cidade educadora seja alcançar a felicidade de todos e de cada um dos seus cidadãos e cidadãs. Para isso todos e todas os que nos dedicamos à educação deveríamos estar aqui. Quem quiser seguir conversando e discutindo, já que as tecnologias nos permitem, porventura não através de WhatsApp, mas através do Twitter deixo-vos a minha direção do Twitter, para que possamos continuar a conversar e muito obrigado pela vossa atenção.

Frederico Lopes | Investigador na Faculdade de Motricidade Humana |Universidade de Lisboa

Bom dia a todos e a todas. Antes de mais, queria agradecer o convite que me foi endereçado pelo município de Setúbal, um especial agradecimento ao vereador da educação e à sua equipa. A mim cabe-me a tarefa muito difícil, o Miguel pôs aqui a expectativa bem alta, e, de facto, aquilo que ele disse é muito interessante. Não tínhamos combinado, mas penso que a minha comunicação vai, de certa maneira, dar continuidade a isto da cidade que temos, que cidade é que desejamos, como é a escola, o que nós podemos mudar e alterar para que as crianças e os jovens participem ativamente naquilo que é a cidade. No fundo, o título da minha comunicação é mais um desejo. E desejo que nas cidades as crianças e os jovens se tornem participantes, atores participativos, que sejam co-construtores daquilo que é a cidade, a escola, o território, as dinâmicas culturais, as dinâmicas identitárias. Mas para isso, é preciso compreender algumas questões.

Quando falamos de cidade, para mim, a primeira noção de cidade tem a ver com o corpo em movimento. A criança quando nasce e começa a dar os primeiros passos, começa a ter contacto com aquilo que é o chão, a terra, o espaço. Essa, talvez seja a primeira forma que a criança tem de participar. Nós, no fundo, quando falamos de participação, falamos de uma questão de movimento. O que sabemos hoje em dia é que o movimento está a ser posto em causa: a motricidade, devido a um conjunto de constrangimentos e todos nós, de uma maneira ou de outra, somos um pouco responsáveis por isso. Quando olhamos para os objetivos do desenvolvimento sustentável nomeadamente: a saúde e bem-estar, a igualdade de género, as cidades e comunidades sustentáveis… Para que isto aconteça há uma premissa de base que é esta liberdade de movimento, de circulação, no espaço doméstico, no espaço comunitário, na escola e, infelizmente, os dados que temos dizem nos que isso não acontece. Falamos de uma

cidade que é amiga das crianças e dos jovens, falamos sobre estes conceitos e há uma coisa que falha no meio da retórica que é utlizada. Acima de tudo o que estamos a falar é de um sistema de co-governação, onde as crianças e os jovens são implicadas nos processos que lhes dizem respeito. Viver em cidade, viver em qualquer território, diz respeito a todos, incluindo às crianças e aos jovens. Há, portanto, uma obrigação moral por parte da escola, das instituições mais formais, menos formais, das autarquias, dos municípios, de incluir as crianças e os jovens e os restantes cidadãos em processos participativos. Isso sim, é um sistema de co-governação e não tanto só assegurar que determinadas metas sejam atingidas, como objetivos. Voltando à comunicação que o Miguel fez anteriormente, é o processo que é o mais importante e não tanto, o resultado.

Podíamos, de certa maneira, sintetizar e dizer: isto pode ser feito em forma de perguntas, "será que as crianças caminham sozinhas e em segurança pelas ruas?", ou melhor "onde é que estão as crianças?" na escola? As crianças e os jovens gozam, neste momento, de uma invisibilidade naquilo que é o espaço público e, de ainda uma, talvez, igual ou semelhante invisibilidade naquilo que é o espaço escolar. Onde é que elas estão? Muito frequentemente referimo-nos às crianças, não tanto pela sua condição, mas como se fossem subalternas em relação aquilo que são os adultos. Por isso, muitas vezes nos referimos a elas enquanto alunos e esquecemo-nos que o "ser aluno ou aluna" é um papel, antes disso está o ser criança. Numa "Cidade amiga das crianças", as crianças deveriam ter segurança para caminharem sozinhas pelo espaço público, explorarem, encontrarem amigos e brincarem, expressarem a sua opinião sobre a cidade que querem e influenciarem ativamente sobre as decisões, que são tomadas na construção dessa cidade.

Para se perceber isso, temos que pensar na cidade em dois polos distintos, mas que se complementam: a cidade enquanto espaço que é mais associado ao racional, ao trabalho, àquilo que é a nossa organização do nosso dia-a-dia; e depois, a cidade associada a uma existência mais de transgressão, que é menos normativa e que, na verdade, se calhar até é mais impulsiva. Aí algures nessa relação entre as duas, jaz o brincar e jaz a necessidade que as crianças têm de explorar, tanto o espaço escolar, como o espaço público, de uma forma que seja lúdica. O que muito frequentemente, como vocês bem sabem, não existe. Este lado de deambulação, esta imprevisibilidade que está associada aos movimentos e que cada um de nós tem na cidade. É essa surpresa, é esse contacto com o outro que faz de nós, que nos ajuda, também, a construir a nossa identidade. É isso, que, hoje em dia, está a faltar.

Há várias questões que se poderiam colocar em relação aos desafios que existem para que a cidade se torne mais participativa. Hoje em dia, verifica-se por exemplo, o acrescento de urbanização, o aumento da poluição, as alterações climáticas, o trânsito, (que é sem sombra de dúvida um problema muito importante e que todas as cidades têm que o resolver, porque ele é de facto um obstáculo à livre circulação e ao uso do espaço público pelas crianças e pelo resto dos cidadãos), o afastamento da natureza, a segurança, a proliferação das tecnologias e dos jogos digitais, o design de espaço público, saúde física e mental, políticas públicas para a infância e para a juventude, etc., os desafios são imensos.

Vejamos agora a criança no século XXI, de uma maneira um pouco reduzida, mas que se calhar relata alguns aspetos que são importantes e sendo que, o nosso público na sua maioria são professores, acho que é importante fazer este retrato. Olhemos para as rotinas das crianças, praticamente agenciadas pelos adultos: temos horários de trabalho alargadíssimos, o que implica que as crianças permaneçam muito tempo em contextos formais de educação e pouco tempo em contextos mais informais. Temos um espaço público que é marcado pelo automóvel. O automóvel, a forma, o valor e o peso que nós, ainda hoje, damos à questão do carro é um obstáculo enorme para que o espaço público seja amigo e seja acessível e para que as crianças e os jovens os possam usar. Os nossos estudos nacionais, e outros estudos internacionais, que nós seguimos, dizem-nos que o trânsito é um dos primeiros fatores que inibe que os adultos autorizam as crianças a circular no espaço público. Temos o aumento da urbanização e aumento do afastamento da natureza, os recreios e os espaços de jogo onde as crianças brincam, são espaços muito pouco estimulantes, são muito estandardizados e são avessos a uma cultura de risco, de aventura, de desafio. A cidade e escola têm de ser desafiantes, têm que ir buscar aquilo que de mais poderoso nós temos no nosso interior, que é, o brincar. Isto, parece-me a mim que, infelizmente, a cidade e a própria escola, de uma forma geral, ainda não estão muito bem despertas para esse assunto. Na altura que, às vezes poderia fazer a diferença, não faz.

Isto provoca estas consequências todas que vocês podem ver: riscos para a saúde física, mental, aumento de psicopatologias, iliteracia motora, crianças que já não sabem correr, que já não sabem saltar, que têm dificuldade a atar os sapatos. Temos cérebros supostamente competentes e as pessoas estão cada vez mais enfraquecidas do ponto de vista motor, do ponto de vista social. Estamos, como dizia um artigo muito recente do New York Times, a arruinar a infância.

Há coisas positivas que podem acontecer, mas, para essas coisas acontecerem nós devíamos centrar-nos em dois ou três aspetos. Para que as crianças e os jovens tenham direito à cidade, há algumas coisas que são importantes reter: primeira, a mobilidade, a circulação no espaço público, no espaço doméstico, autónoma. Quando eu digo autónoma, são crianças que convivem com outras crianças, que circulam, exploram a rua, as suas áreas de vizinhança, conhecem os lugares, as lojas, têm à vontade para estarem no espaço público, solicitar ajuda, pedir informações. Para isso temos de olhar para dois artigos da convenção dos direitos das crianças, que muito frequentemente é utilizado como um grande discurso, mas do ponto de vista prático não é muito utilizado, que é o artigo 31º, que tem a ver com o direito ao jogo, à recreação aos tempos livres, sendo que a maior parte deles não são bem livres, porque são geridos pelos adultos e não pelas próprias crianças. O artigo 12º, que tem a ver com o direito à participação, de as crianças e os jovens serem incluídos nestes processos. Só que esses processos de participação têm que ser honestos para com as crianças e com os jovens. Esses processos começam no espaço doméstico, no espaço público, mas também têm que acontecer nas escolas. Uma escola que é ativa e uma escola que é participativa, realmente olha para as crianças e para os jovens enquanto construtores das decisões, das normas, das regras, da forma como os

espaços funcionam. Pela experiência que tenho tido, não me parece que isso ainda esteja massificado como deveria de estar.

Temos que também pensar no que é um lugar. O que é que é um lugar? Todos vocês têm lugares que guardam na vossa memória, todos vocês têm lugares que marcam a vossa identidade. Quando pensamos em lugar podemos pensar em duas formas: temos a construção do sentido de lugar, através das nossas experiências, de uma forma mais lenta, mais progressiva; mas também podemos ter o lugar como o contacto imediato, que muitas vezes está associado às questões do brincar e às questões do lazer. Nós temos de perceber como é que os espaços públicos se podem transformar para serem realmente lugares.

Quando falamos em lugares, isto é um conceito teórico que se calhar hoje não é aqui muito importante, mas é só para se perceber isto. Os objetos e as coisas que estão à nossa volta convidam-nos a ações. Por exemplo, o facto de estarmos aqui neste contexto, convida a uma preleção; o facto de termos ali uma cadeira convida-me a sentar, mas se tivéssemos aqui crianças e se elas estivessem a gerir isto, muito provavelmente a disposição seria diferente. Se calhar as cadeiras seriam utilizadas para fazer uma outra coisa qualquer, se calhar haveria crianças que iam para cima da cadeira e iam tentar perceber se ela rodava ou não. As coisas que estão à nossa volta convidam-nos a fazer, ou a não fazer, determinadas ações. O espaço público, quando é pensado, deve ser também pensado nesses termos. Olhemos para isto enquanto possibilidades de ação, sendo que estas possibilidades de ação não são só motoras, podem ser emocionais, sociais, cognitivas e tudo mais.

Quando olhamos para o lugar, temos um lugar com as suas propriedades físicas, temos um lugar onde podem ser feitas atividades e temos um lugar que tem um significado. Temos aqui o "aeiou", se quiserem assim, dos lugares. Para um lugar ser lugar, do meu ponto de vista, é preciso que seja um espaço de ação, de encontro, de iniciativa, de ócio e de utopia, o "aeiou" ensina-se na escola, mas também podia ser praticado desta forma, não acham?

Este é aquele slide que eu costumo mostrar e as pessoas costumam rir-se. Quando eu digo que nós estamos a viver um "apartheid", que é pedonal e lúdico, porque as crianças brincam em espaços cada vez mais confinados, onde têm muito pouca liberdade de movimento, onde as normas e as regras e a forma de as utilizar é ditada pelos adultos, circulam cada vez menos no espaço público. Temos que transformar isto, por isso, quando pensamos em deslocações entre casa e a escola, era fundamental que a maior parte das crianças, por exemplo, do município de Setúbal, pudessem se deslocar ativamente para a escola com os seus companheiros e companheiras. Isso também é aprender, isso também é uma cidade que é educadora. Temos este problema: temos um corpo que não se mexe na cidade, temos uma independência de mobilidade, que é um conceito que tem a ver com autonomia que as crianças têm para se deslocarem no espaço público reduzida, associada a uma cultura de motorização. Isto, do meu ponto de vista, põe em causa a democracia. A primeira condição para eu poder participar tem a ver com o facto de eu poder brincar, mexer e perceber o mundo à minha volta, coisa que eu penso que a maior parte nós que estamos aqui hoje, ainda fizeram na sua infância, coisa que as crianças hoje em dia, infelizmente, já não fazem. Há desenhos de crianças sobre cidades e sobre

os seus espaços que se percebe, claramente, que não há relação entre os espaços, uns e outros. Elas vêm o mundo pelo vidro de trás do automóvel e é assim que têm essa relação. Isso não é bom, nem do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo, nem do ponto de vista do desenvolvimento emocional e muito menos do ponto de vista do desenvolvimento social.

Quando pensamos em liberdade e autonomia das crianças, pensamos num conceito que é muito mais do que só andar no espaço público. É muito mais do que só andar, andar implica perceção, implica sentir, ouvir, implica que eu perceba o que é que é seguro, o que é que não é, e implica que eu, ao longo do tempo, vá criando esta representação dos lugares e que a cidade que me rodeia seja também uma cidade que cresce dentro de mim, que se constrói dentro de mim. Parece-me que hoje em dia a cidade rodeia a criança, é-lhe hostil e não está a crescer dentro dela e escola funciona de forma, também, parecida. A escola circunda a criança, mas parece que não está a crescer dentro dela.

Os benefícios da autonomia estão estudados e são estes, até mesmo do ponto de vista neurológico e, se calhar, para percebermos melhor, podíamos falar em cinco ou seis aspetos: realizar o caminho casa escola, deslocar-se a lugares significativos, atravessar, estradas principais, andar de transporte público, sair depois do escurecer e andar de bicicleta sem supervisão adulta e com a companhia e presença de outras crianças. Quando olhamos para os nossos estudos, isto é representativo da situação em Portugal, percebemos que só ali a partir dos 12/13 anos é que grande parte das crianças têm licença e permissão para poder fazer isto tudo. Nos países nórdicos, serve só como exemplo, há crianças com 5, 6, 7, 8 anos que já vão sozinhas para a escola e voltam a pé, e isso é valorizado. É valorizado não só pelas comunidades, como é valorizado pelos professores, é valorizado pelos pais. É um sinal de autonomia, de crescimento, é um sinal de aprender o que é que é isto da coesão social, isso também é uma cidade educadora.

Percebemos que, quanto maior a urbanização, mais problemas se coloca. Ainda que eu considere que provavelmente, neste momento, as coisas já não estão bem assim, que mesmo nos espaços mais rurais, menos urbanizados, estes problemas também já se fazem sentir.

Num estudo internacional, com 16 países, Portugal está ao lado de Itália, no 14º lugar, em termos de independência e autonomia das crianças. Quando cruzamos estes dados com dados que a UNICEF tem, relativos ao bem-estar, à saúde e à felicidade das crianças, nós percebemos que os países onde existe maior mobilidade e mais autonomia, coincidentemente, são os países onde há mais felicidade e há mais bem-estar. Não se pode dizer que haja uma correlação, porque isto é um fenómeno muito complexo, mas as duas coisas parece que andam juntas.

Nós para percebermos o que é que se passa na cidade e, ainda que isto tenha sido um resultado de uma tese de doutoramento (que por acaso foi a minha, mas na faculdade de motricidade humana, desde 1990 que já temos andado a fazer estudos sobre esta temática), nós neste estudo utilizamos uma metodologia, curiosamente, uma metodologia digital para as crianças poderem, através de um questionário-mapa, marcar os lugares que lhes eram significativos. Isto foi feito em 3 zonas da grande Lisboa: Expo, Oeiras e Belém. As crianças tinham oportunidade de marcar os lugares que lhes eram significativos, em função de diferentes categorias. Por

exemplo: lugar onde eu me encontro com os meus amigos, lugar onde eu jogo à bola, lugar onde eu posso estar com animais, lugar onde eu posso estar sozinho. Depois, pedimos às crianças para elas, nessa mesma aplicação, nos dizerem como é que se deslocavam para esses sítios: se sozinhas, se acompanhadas, se com os pais, se andavam a pé, se andavam de transporte, etc. Imaginem… isto dá uma quantidade de dados incrível, mas o mais interessante, é que nós numa tese, que tem a ver com esta relação da criança com o lugar e que nos interessam questões como a motricidade, o desenvolvimento. Nós fomos utilizar um instrumento que é utilizado em termos de planeamento urbano. Isto, no fundo, é uma provocação, ou seja, nós, para fazermos este trabalho, tivemos que cruzar uma série de áreas teóricas. Este cruzamento é que nos permitiu olhar para a criança e retirar uma série de informação sobre o que é que é a vida da criança, neste caso, nos locais que eu vos indiquei.

Houve esta necessidade de cruzar estes campos todos teóricos, tal como há essa necessidade. Numa escola, de professores de diferentes disciplinas, cruzarem as diferentes áreas para, em prol daquilo que as crianças têm que aprender e têm que conhecer, o mesmo tem que ser feito do ponto de vista de uma autarquia, do ponto de vista de um município, na verdade, o mesmo tem que ser feito do ponto de vista daquilo que é a nossa vida. Este regime colaborativo e de partilha de perspetivas, devia ser o mote da nossa vida em comunidade e isso, com certeza, que também será importante naquilo que é o desenvolvimento de processos de educação comunitária, como o Miguel estava a falar há pouco.

Isto permitiu-nos… e agora vou vos só mostrar, só para ficarem com uma ideia do que estou aqui a falar: esta amostra foi num colégio, mas as outras duas foram em escolas públicas, é só para terem um bocado uma ideia do que é que este tipo de mapeamento digital pode fazer e os dados que nos pode dar em relação à vida destas crianças. No menu inicial, questione “como é que te deslocas, de carro?”,” como é que vais para a escola?”, “com quem é que vens?” Depois aparece a parte interessante que é quando se percebe que há um menu e as crianças conseguem pegar. Depois também tinha a pergunta: na tua cidade ideal como é que tu gostarias de fazer? com quem é que gostarias de fazer o caminho de casa para a escola? Os resultados que nos deram, foram que, idealmente, gostariam de ter mais autonomia, mais independência, mais mobilidade e assim sucessivamente. Depois, começava aqui numa parte muito interessante deste dispositivo: as crianças marcavam a zona da sua casa e depois desenhavam o trajeto entre a casa e a escola, aproximavam…. Reparem, a riqueza que isto pode dar do ponto de vista que é a construção de uma cidade, e não só, ter as crianças a participarem neste tipo de inquéritos. Se assim lhes quiserem chamar, o compromisso, que depois, do ponto de vista da autarquia e do município será necessário para, por exemplo, encorajar as pessoas a participar porque, neste caso, as crianças e os jovens foram avisados que isto era para efeitos de estudo, não havia nenhuma falsa promessa. As questões da participação (e isso também terá que acontecer dentro do contexto escolar), também passam muito por isso. Nós temos que ser honestos naquilo que vamos pedir às crianças e aos jovens para fazer e naquilo que é a participação, para que percebam qual é o impacto que as suas decisões possam, realmente, ter. Há muitos exercícios que às vezes são feitos, e alguns até bastante positivos, de convidar crianças para ouvi-las. É

muito interessante, faz todo o sentido, mas precisamos de mais! Precisamos de ter as crianças sentadas com os decisores políticos, precisamos de ter as crianças e os jovens sentados com os técnicos, com os professores, a pensar realmente a cidade. E que essas decisões tenham impacto e sejam significativas daquilo que foi o pensamento e um tempo que aquelas crianças perderam envolvidas nestes processos, tempo esse que, com certeza, é um tempo ganho para elas, mas será um tempo ainda maior para nós e para a cidade.

Sobre este tipo de lugares que as crianças marcavam, alguns resultados, só para terem ideia… A maior parte das crianças e de jovens usam transporte motorizado e são acompanhadas por adultos no transporte escola-casa. Contudo, curiosamente, quando estamos a falar da área da vizinhança, os 500 metros à volta do sitio onde vivem, estas crianças e jovens, a partir do 6º ano de idade, têm autonomia. O que nos coloca um desafio: se têm autonomia e se mais frequentemente andam nos 500 metros à volta de sua casa e têm possibilidade de brincar e se encontrar, será que 500 metros de autonomia é o suficiente para a construção dos lugares? Para o tal "aeiou" dos lugares? É uma pergunta que eu deixo no ar… Eu não me parece que seja, a cidade são muito mais que 500 metros à volta da área de vizinhança.

Percebemos então, que a área de vizinhança é promotora de independência e de deslocamento ativo. Percebemos que a maior parte dos lugares marcados são sociais, mas isto tem a ver com as idades, muito provavelmente. Percebemos que os espaços mais utilizados são espaços verdes, espaços comerciais, a escola e o espaço à volta da casa. Mas, por exemplo, percebemos que o espaço de recreação e lazer não são tão utilizados. Isto são informações significativas quando estamos a planear uma cidade. Isto era só para terem uma ideia de como é que isto aparece.

Quais é que são as implicações? Aumentar os níveis de mobilidade, aumentar as áreas de deslocação, os lugares serem socialmente significativos. São promotores de mobilidade, mas, se calhar, quando pensamos e desenhamos uma cidade temos de pensar nas outras categorias de interação. Parece que há tipos de espaço urbano específicos onde há mais ações que decorrem e parece que há outros tipos que possibilitam uma diversidade de ações. Isto é importante. Na cidade ideal as crianças gostariam de ter mais liberdade e mais oportunidade para explorar, para brincar.

Tenho pena que ainda nenhuma autarquia em Portugal tenha pegado e olhado para este instrumento como uma força e uma mais valia, porque é poderosíssimo do ponto de vista que é, de incluir os cidadãos em termos de dinâmicas de planeamento urbano.

Muito próximo de nós, temos o exemplo de Ponte de Vedra. No final dos anos 90 eles fizeram uma série de reformas. As medidas foram dar preferência à deslocação pedonal em detrimento da deslocação automóvel e utilizaram os ensinamentos do Francesco Tonucci, daquele que foi o primeiro a criar o movimento das cidades amigas das crianças. Em Ponte de Vedra, há recreios que são nas ruas, imaginem… Porque o carro, só entra na cidade a determinadas horas, a cidade foi toda pensada e o eixo que redefiniu as políticas dessa cidade foi a mobilidade e educação. Foi a partir daí que se fez o desenho, e não como camadas acessórias, e isso faz toda a diferença

em relação aquilo que é viver nesta cidade e à circulação que as crianças têm no espaço público. Uma cidade que é boa para a criança, é boa para todos, é uma cidade que é inclusiva.
Temos que ser arrojados no design, temos que incluir as crianças e os jovens nos processos. O que é que eles querem? Como é que eles imaginam? O que é que faziam naquele sítio? Temos que olhar para os adolescentes, e penso que na comunicação a seguir vamos ouvir alguma coisa sobre isso.
Os designes têm que ir buscar a natureza que parece que se perdeu. O que é curioso é que nós temos muito mais anos de natureza na nossa evolução enquanto espécie, do que de urbanismo. E é por isso que, quando há crianças nas escolas e no espaço público, encontram um bocadinho de terra para brincar ou uns pauzinhos ou umas pedrinhas, ficam todas contentes. Mas é muito mais do que isso, é um direito que têm e que lhes está a ser vedado.
Os espaços têm de ser convidativos ao desafio, à resiliência, à tomada de decisão, ao corpo em movimento. A cidade é um corpo, é um organismo e nós muitas vezes esquecemo-nos do nosso corpo.
Foi feito um inquérito no Canadá a adolescentes a perguntar quais é que eram os 10 atributos que eles gostariam de ter quando pensam em espaços público. Eram estes 10: wi-fi, filmes noturnos, bancas de comida e cafés, iluminação interativa e arte, espaços de jogo para crianças e adultos, espaços de estudo, árvores, flores, natureza, eventos musicais, elementos de iluminação e segurança, elementos de água. É curioso, porque as crianças e os jovens, quando lhes são perguntadas as coisas (e os processos que são utilizados de acordo com as linguagens e as culturas deles), dão-nos informação muito relevante para aquilo que é a sua vida.
O que é que é uma cidade amiga das crianças? É uma cidade que, é menos motorizada, mais verde, onde há mais percursos seguros, onde há mais natureza. É uma cidade onde há mais autonomia de mobilidade. Ali do vosso lado direito, em Leeds, está a ser planeada uma primeira escola onde vai ser reduzida, ao máximo, a circulação do automóvel, incluindo, a circulação automóvel por parte de docentes e funcionários. Cada vez mais são as iniciativas que estão a decorrer. Nós também temos, e Setúbal de certeza que também as tem. Estamos numa fase de transição e devemos agarrar essa transição, a bem da nossa vida, da nossa qualidade, do nosso bem-estar. Será uma cidade onde há mais saúde e onde há mais felicidade, será uma cidade onde o espaço público é convidativo para as crianças brincarem livremente. Terem contacto com situações desafiantes e arriscadas. Será uma cidade que é mais participada, será uma cidade onde a reconciliação das crianças com a escola implica, forçosamente, que a escola seja um espaço onde as crianças possam brincar livremente e onde os adultos repensem a relação doentia, super protetora e patológica que têm na forma de olhar "o brincar" das crianças. Esses adultos já foram crianças e as crianças, não são pequenos adultos, as crianças gostam de adultos que, no fundo, se lembram o que eram as suas memórias e que percebem que o brincar é, provavelmente, um dos direitos mais importantes e é aqui que nós estamos um bocadinho alheados.
Há vários projetos onde estamos a fazer isto. É o caso de um projeto no pré-escolar, onde estamos a alterar as práticas pedagógicas dos educadores. Sabemos que, em recreios ativos, as

crianças aprendem melhor, há mais sucesso académico, a aprendizagem é facilitada. Temos alguns projetos que temos vindo a fazer, de requalificação do recreio, para tornar os recreios mais apetecíveis, mais verdes, mais convidativos, onde a aventura é o critério.
Para que a reconciliação das crianças com a cidade aconteça é necessário que o jogo, o brincar e a independência de mobilidade passem a ser indicadores das qualidades de vida das cidades. É necessário que o planeamento urbano participado conte com a participação infantil e juvenil na definição das políticas públicas. É necessário que as crianças e os jovens tenham o direito à cidade, que a cidade seja amiga e que este esquema simples que está aqui seja privilegiado os modos pedonais e as acessibilidades, sejam privilegiadas em detrimento do uso do carro. Que as crianças e que os jovens tenham oportunidade para serem e se tornaram especialistas do espaço, porque, se calhar assim, nós vamos ter uma cidade que é educadora, mas que também é Playmobil.

Gina C. Lemos | Investigadora do Centro de Investigação em Educação (CIEd) | Universidade do Minho

Obrigada à Câmara Municipal de Setúbal pelo renovado convite para colaborar na Conferência Anual de Educação da nossa cidade. Vou procurar responder ao desafio que me foi lançado: falar enquanto investigadora em Educação e Psicologia da Educação, enquanto docente envolvida na formação de educadores e professores dos ensinos básico e secundário, e enquanto Pessoa da cidade de Setúbal, a cidade que os meus pais escolheram para criar família e que eu e o meu marido escolhemos para educar os nossos filhos também.
Falar de educação é também, e sobretudo, falar de aprendizagem. Quem agora lança o desafio sou eu: Quem tiver telemóvel ou tablet com acesso à net, por favor, aceda ao link que vê agora no ecrã e coloque o código que ali está. Quem não tem acesso à internet, pode responder ao colega que se encontra sentado a seu lado. [Perguntas: Qual foi a última coisa que eu aprendi? Quando? Onde? Com quem?] Todos os dias, em qualquer lugar, com qualquer pessoa, familiar ou desconhecida, todos nós aprendemos. Quer queiramos, quer não, fomos programados para aprender. Faz parte do nosso ADN. Com mais ou menos intenção, com mais ou menos consciência, todos nós aprendemos.
Mas… O que nos motiva para aprender? Posto de forma muito simples, as pessoas são motivadas para aprender ou para realizar uma tarefa por duas ordens de razão: para ser recompensado ou evitar ser punido; e pelo interesse, prazer e satisfação que a própria aprendizagem/tarefa gera em si. Quer isto dizer que as pessoas são motivadas para aprender por razões: que vêm de fora [motivação extrínseca] e por razões que vêm de dentro [motivação intrínseca]. Há pessoas que parecem ser, por natureza, ativas, curiosas, interessadas e para as quais a realização bem-sucedida de uma tarefa é, por si mesma, suficiente recompensa: 'dá-me um prazer imenso fazer isto!!!'. Por outro lado, há pessoas que parecem desligadas, passivas,

dependentes e mecanizadas por contingências, incentivos e pressões externas: 'para que é que eu vou dar-me a esse trabalho?...'. Ora, a realidade parece mostrar-nos que não existem apenas duas categorias de pessoas: as motivadas e as desmotivadas. Pelo contrário, a motivação é complexa demais para ser reduzida a meras categorias de zeros e uns. "Ser ou não ser motivado" não é exatamente a questão. A motivação parece ser melhor representada qualitativamente num continuum, em que numa das extremidades temos a condição de desmotivação ou ausência de motivação/ apatia e na extremidade oposta, a motivação intrínseca ou autodeterminada, na qual o comportamento da pessoa é realizado pelo sentido de realização pessoal de autonomia e mestria, pela satisfação inerente ao comportamento, ou seja, pelo puro prazer, livre de qualquer pressão, externa ou interna, sendo um comportamento completamente autorregulado. Entre estes dois patamares ou níveis existem outros tantos que representam graus qualitativamente distintos de interiorização ou regulação: quando a pessoa age em função de recompensas/prémios ou punições – regulação externa, e.g. eu estou atento na aula para ter bolinha verde no quadro do comportamento; quando a pessoa age não apenas em função do tal controlo externo, mas também em função de estados mais internos – regulação interna, e.g. eu estou atento na aula para não passar vergonha, para não sentir culpa, para agradar ou não desiludir o professor; quando a pessoa reconhece o valor da tarefa e age por identificar esse valor na tarefa – regulação identificada, e.g. eu estou atento na aula porque, para aprender, é importante estar atento; quando a pessoa reconhece o valor da tarefa e integra-o, de forma mais coerente com os seus valores, na sua identidade – regulação integrada, e.g. eu estou atento na aula porque aprendo mais facilmente quando estou atento (Deci & Ryan, 2000).

Então e nós? Como estamos de motivação para este ano letivo?... Setembro é aquele mês especial para professores, alunos, pais, e comunidade educativa no seu todo, porque é um mês propenso a motivações renovadas por um novo começo, por uma oportunidade de transformação. Depois de termos dissolvido um ano de trabalho no sal da água do mar, existe uma certa tendência para absorver um certo ânimo, uma motivação, uma força maior para o ano letivo que se inicia. E um pouco à semelhança das resoluções de Ano Novo, em setembro, as pessoas tendem a definir metas de autoaperfeiçoamento. Mas atenção, a esperança nesses novos começos pode ser muito instável!… Julgar que tudo será diferente e que de repente tudo passa a funcionar às mil maravilhas é, no mínimo, disparatado. O aluno que regressa à escola com aquele pensamento de autoconvencimento: "este ano é que é!" e que, este ano, vai mesmo: prestar atenção nas aulas, estudar todos os dias, escapando à tentação da luz azul do ecrã, escapando ao cansaço, e escapando aos contratempos e inesperados do dia a dia, só pode estar à espera de milagres. Por isso é que à intoxicação destas expectativas irrealistas segue-se a ressaca da deceção. Os cientistas chamam a isso a Síndrome da Falsa Esperança (Polivy & Herman, 2002). Os sentimentos de controlo e otimismo desmesurados tendem a acompanhar

os estádios iniciais dos esforços de auto-mudança. É o típico erro de quando voltamos a inscrever-nos no ginásio e começamos uma nova rotina de exercícios convencidos de que daí a uns meses estamos a competir numa prova de triatlo… Estas expectativas irrealistas sobre a facilidade, a rapidez, o grau de mudança e os presumíveis benefícios da tarefa tendem a sobrecarregar o nosso conhecimento de situações prévias e a nossa tendência é ignorar, refutar ou distorcer os indicadores de que a tarefa pode estar para além da nossa capacidade atual. Convencemo-nos de que podemos mesmo competir na prova de triatlo, não importa quão sólida se mostra a realidade. Esta sobreconfiança acaba por estar no coração desta falsa-esperança. O que acontece é que, depois dos sucessos iniciais, a resistência à mudança apodera-se de nós: falhamos um treino, e depois outro, e às tantas, ao fim de um par de semanas – se tanto – começamos a sentir desânimo, e abandonamos as tentativas de auto-mudança.

Então, o que é preciso fazer para evitar o excesso de confiança e as falsas esperanças? É importante aprender a distinguir objetivos de auto-mudança potencialmente viáveis e objetivos de auto-mudança impossíveis (Polivy, 2001). Estabelecer objetivos modestos, manejáveis e realistas é preciso; partir em pedaços para saborear a vitória. Até porque, quando as resoluções para melhorarmos são realistas, a nossa Esperança não se abala; perdura (Duckworth, 2019). Assim, a primeira ideia a guardar na nossa pasta mental é: importa definir objetivos desafiantes q.b.: modestos, manejáveis e realistas.

Porém, há três questões que importa considerar nestas coisas de motivar para aprender melhor. Desde logo: Como é que aprendemos melhor? Quando desenvolvemos aquela motivação autodeterminada, movida por coisas de dentro. Ela é preditora da aprendizagem mais significativa e mais profunda (por contraponto com a aprendizagem mecânica). Décadas e décadas de investigação têm mostrado, de forma consistente, isso mesmo.

Por outro lado, que condições são mais favoráveis ao desenvolvimento dessa motivação movida por coisas de dentro e mais favoráveis à aprendizagem profunda e significativa? A literatura científica fala em cinco famílias básicas de constructos sociocognitivos sobre o que faz um aluno aprender melhor, movido por estas "coisas de dentro" (Pintrich, 2003): (i) autoeficácia adaptativa e perceção de competência ajustadas; (ii) atribuições adaptativas e crenças de controlo ajustadas; (iii) elevados níveis de interesse e de motivação intrínseca; (iv) elevados níveis de valorização da aprendizagem; e (v) metas de realização, centradas mais no processo do que no resultado. Posto de forma simples, o aluno aprende melhor quando: (i) acredita que é capaz de realizar uma determinada tarefa (de aprendizagem) para atingir um determinado resultado (escolar), e.g. Eu sou capaz; (ii) atribui o sucesso ou o fracasso mais a causas internas, que ele pode modificar e controlar (como a capacidade, o esforço, o método de estudo), e.g. *Eu fui bem-sucedido porque me esforcei. Eu fracassei porque não usei o método de estudo adequado*; (iii) quando os seus interesses são sustentados pela interação que estabelece com o seu ambiente, e o seu ambiente vai proporcionando feedback de qualidade, capaz de promover

emoções e pensamentos adaptativos no sentido de o envolver na tarefa e na aprendizagem, e.g. *O que eu aprendo nesta disciplina tem interesse, desperta-me curiosidade e também posso usar noutras e no meu dia-a-dia*; (iv) a nova aprendizagem é apresentada por associação aos conhecimentos prévios do aluno e às suas experiências vividas, e.g. *O que eu estou a aprender agora faz sobretudo sentido/ é muito desafiante depois de termos trabalhado o outro assunto*; (v) atribui um elevado valor à tarefa/aprendizagem e a expectativa de sucesso na tarefa/aprendizagem é tendencialmente positiva, e.g. *Isto é muito importante para mim e todas as adversidades que vou ter de enfrentar e superar vão valer a pena*; (vi) o aluno valoriza e se sente satisfeito ou antecipa ficar satisfeito quando realiza a tarefa/aprendizagem, e.g. *Eu vou realizar esta tarefa porque quero dominá-la, quero mostrar que sou capaz/ melhor do que os outros. A tarefa é-me desafiadora e eu sinto-me livre e autónomo para realizá-la*; e (vi) o aluno aprende melhor quando cumpre determinada tarefa de aprendizagem para desenvolver uma competência e dominar a tarefa, quando pretende demonstrar capacidade, mais do que não parecer incompetente. Cabe a cada um de nós, no seu papel, reforçar cada uma destas condições mais favoráveis à motivação e aprendizagem significativas.

Por fim, como podemos ter a certeza de que estamos a fazer aquilo que permite uma aprendizagem mais significativa? Simples: avaliando. Para comprovar o que quer que seja, são precisas evidências. As evidências são o suporte do conhecimento científico e o conhecimento científico deve orientar as nossas práticas, porque quando eu analiso dados, esses dados foram recolhidos no terreno, são parte do terreno. Na escola, com as minhas práticas educativas sucede o mesmo: as evidências são o seu suporte e, em função delas, ajustamos as nossas práticas. Que fique claro: tanto o processo como o produto são passíveis de ser avaliados, pelo próprio aluno (autoavaliação), por pares e pelo/s professor/es (heteroavaliação), de acordo com os critérios previamente estabelecidos e negociados com os alunos, com a turma, com outros colegas/professores.

Importa ter presente que avaliar não é cotar certos e errados, até porque os certos e os errados não são mais do que isso: certos e errados. Providenciar feedback de elevada qualidade é essencial para uma aprendizagem de qualidade. Meta-análises, neste âmbito, mostram-nos que o feedback pode traduzir-se numa média de oito meses adicionais de progresso num ano letivo. É extraordinário, o seu poder. Então perguntemo-nos: Que informação proporciono aos meus alunos sobre o seu desempenho em relação aos seus objetivos de aprendizagem? Em que medida o feedback que proporciono aos meus alunos orienta-os para a ação? É claro? Concreto? Compreensível? Preciso? Útil? Oportuno? Dirige a ação para a aprendizagem pretendida? Salienta os pontos fortes e sugere orientações específicas para a melhoria? Se sim, então tem mais chances de gerar melhoria e cumprir com a sua missão.

Além disso, é bom lembrar que quem aprende gosta de ver reconhecido o seu sentido de agência. O feedback de qualidade pode contribuir fortemente para esse sentido de autonomia,

autorregulação e agência na aprendizagem, para a motivação autodeterminada. Eis a segunda ideia a guardar na nossa pasta mental: avaliar é preciso. Importa: definir indicadores articulados com os objetivos definidos, utilizar medidas de avaliação de qualidade aferida, recolher dados com rigor e precisão, analisar os resultados, discuti-los, e extrair implicações para práticas e desafios futuros.

Por fim, tenhamos uma certeza: o modo como avaliamos a aprendizagem – e a aprendizagem que proporcionamos – diz muito da relação que estabelecemos com o currículo. Posso… atravessar o currículo com o objetivo de me *deslocar* da unidade 1 à unidade 14 do programa. Aqui *sou passageiro* e quando somos passageiros, o trajeto é familiar e às vezes já nem reparamos no percurso; deslocamo-nos nele de forma automática, mecanizada, com a cabeça noutro lugar. O que importa é chegar ao fim e dizer que chegámos ao fim. Posso… *experimentar* o que o guia de viagens – leia-se, manual – me recomenda e: aceito sugestões sobre lugares a visitar, sigo as rotas mais populares com o objetivo de conhecer o maior número possível de paisagens com o tempo de que disponho. Aqui *sou turista* e regresso a casa com um álbum de fotografias dos lugares mais famosos, é certo, mas corro o risco de ver apenas superficialmente as paisagens, sem as conhecer nos seus aspetos mais únicos. Além disso, normalmente, nestes casos, não há espaço para grandes surpresas, porque não fomos para além do que já foi visitado e descrito por outros. Posso… *mergulhar* em paisagens fora do mapa e interessar-me não só pelo destino, mas também (ou mais!) pelo caminho. Aqui *sou viajante* e tenho vontade de explorar o que está para lá dos guias turísticos e descobrir caminhos que não estão no mapa; é verdade que pode ser preciso contar com mais tempo, mas o que ganhamos em experiência e descoberta é valor-acrescentado. Ou posso… *atravessar a paisagem de corpo inteiro*, conquistá-la passo a passo e criar a própria paisagem, ser parte dela! Aqui *sou caminhante*, respeitando o ritmo de cada um (o meu e o dos outros), prestando atenção aos detalhes que para cada um assumem mais significado, acompanhando e sendo parte desta paisagem.

O modo como nos relacionamos com o currículo, o modo como atravessamos a nossa cidade, diz muito de quem somos como professores, munícipes, educadores. E isso influencia o que vivemos, quanto apreciamos e como vamos viver. Até porque, quanto mais tempo passamos numa paisagem, mais ela se torna nossa. Por isso, importa cuidar dela, porque quando o estamos a fazer, estamos a cuidar de nós. Que possamos fazer e proporcionar aprendizagens movidos pelas coisas de dentro, pelo puro prazer de aprender, de educar, pela satisfação que isso gera em nós. Que as nossas ações partam de evidências e trabalhem outras tantas, com rigor e critério. Que as nossas práticas estejam alinhadas com o nosso propósito e possamos sentir que estamos a cumprir com a missão que escolhemos ser.

Eu reconheço-me na minha cidade. Eu sinto-me muito feliz e grata por isso tudo, nesta cidade que é minha e cada vez mais nossa. Obrigada.

José Miguel Madeira | Chefe de Divisão de Mobilidade e Transportes | Município de Setúbal

Muito bom dia a todos, queria, desde já, agradecer ao Departamento de Educação e Saúde o convite feito à Divisão de Mobilidade e Transportes para apresentar o tema: "Setúbal caminhável, mais cidade para todos".

Podemos falar de mais cidade para todos, mas também de mais mobilidade para todos. A cidade e a mobilidade estão intrinsecamente ligadas, mas será que existe uma mobilidade em Setúbal para todos? Será que setúbal enquanto cidade consegue educar para haver igualdade na mobilidade? É isso que eu vou tentar responder.
De acordo com um guia de avaliação do design de espaço público é referido que os espaços públicos de qualidade podem ajudar a criar e manter lugares de forte centralidade, qualidade ambiental, competitividade económica e sentido de cidadania. Importa falar aqui de alguns conceitos: o trânsito é um conceito utilizado para denominar o movimento e fluxo de veículos ou pessoas que circulam numa rua ou avenida; o espaço público urbano é o lugar onde se manifesta a vida e a animação, onde se desencadeia o encontro das pessoas, no fundo é onde se processa grande parte da socialização urbana; a rua é um espaço urbano que permite a circulação de veículos e de pessoas, é, no fundo, onde passa o trânsito, mas também, se quisermos, pode ser muito mais do que isso. Podemos transformá-la e adequá-la para ser um espaço de estadia, fruição e socialização [como vemos ali do lado direito].
Andar a pé é considerado um meio de transporte, é uma forma de nos deslocarmos de um sítio para o outro e possibilita que estejamos presentes no espaço público e em contacto direto com o espaço público.
O que é que temos, e não queremos em Setúbal? Vamos ver algumas imagens da usurpação do automóvel do espaço que pertence ao peão, os exemplos são muitos, infelizmente. Devem conhecer, é o dia-a-dia na cidade, as pessoas andam na faixa de rodagem em vez de andarem nos passeios. Vemos o carro a ocupar o passeio completamente, não deixa espaço para passar um carrinho de bebé, as passadeiras encontram-se, algumas mal pintadas, é isto que nós não queremos. É um exemplo (referindo-se às fotos), não é em Setúbal, exagerando, é mesmo aquilo que nós não queremos porque a pressão automóvel é tanta que quase que temos que chegar a este exagero.
Assim, qual é um dos compromissos da cidade educadora? O ordenamento do espaço físico deverá estar atento às necessidades de acessibilidade, encontro, relação, jogo e lazer e uma maior aproximação à natureza. Outros compromissos são: tomarem-se as medidas necessárias para suprimir os obstáculos de todos os tipos, incluindo barreirar arquitetónicas que impedem o exercício do direito à igualdade. Neste caso, temos aqui uma intervenção que houve no Portinho da Arrábida, como vêm, era o caos, todos os carros queriam ir para o Portinho. Fez-se uma intervenção, nomeadamente, o rearranjo do estacionamento e a criação de um passeio para o peão poder andar e também um passeio de contemplação de uma zona naturalmente bela.

Nesta figura apresenta-se aqui uma pirâmide invertida em que, em relação à atividade no espaço urbano e no ambiente urbano é às pessoas e ao peão que temos que dar mais importância, a seguir vêm os ciclistas, os transportes públicos, o transporte de carga, e só no final, é que temos que dar importância aos carros e motos.

É também um compromisso da cidade educadora tornar a segurança rodoviária uma prioridade para todos, intensificar a proteção dos utentes mais vulneráveis na via pública, as crianças e os peões no geral.

Como se faz? Queremos implementar um plano de segurança rodoviária que irá abordar todos estes assuntos que se prendem com a segurança na via pública, no trânsito, nas passagens pedonais, abordar a proteção pedonal e de combate aos atropelamentos e ter uma estratégia pedonal de acessibilidade segura às escolas. Nesta matéria estamos em contacto, a Divisão de Mobilidade com a Divisão de Educação, no sentido de haver um levantamento à mobilidade dos alunos e também haver uma análise ao espaço físico envolvente das escolas, verificar se as passadeiras estão em bom estado, se tem passadeiras ou não, se tem lugares de acesso a deficientes, se temos parqueamentos de bicicletas suficientes, para, de facto, começar a educar a criança a deslocar-se a pé ou de bicicleta, evitando que os pais os levem para a escola e evitando que seja mias um carro a circular na hora de ponta, na cidade.

Nesta questão da segurança rodoviária, destaca-se: o combate aos atropelamentos, eliminação das grandes barreiras à circulação pedonal, a instalação de passadeiras semaforizadas, quando se identificar que são inseguras, dotação de passeios com largura, revestimento dos passeios confortáveis para a circulação pedonal, supressão de obstáculos, diminuir os pontos de conflito com a rede ciclável e combater o estacionamento ilegal sobre os passeios. Para isto, e como a Câmara precisava de uma visão mais alargada da mobilidade, a Câmara candidatou-se à elaboração de um Plano de Mobilidade Sustentável, que foi financiado, já está aprovado e executado. Do qual resultaram cerca de 9 planos de ação, vou enunciar alguns: o plano de ação pedonal, o plano rede ciclável, o plano de transportes públicos, plano de circulação – rede rodoviária (nós temos feito algumas intervenções, todas elas sustentadas neste plano), o plano de estacionamento, tem algumas propostas de organização e principalmente, o que está em curso, que é uma contratualização do estacionamento em espaço público. Temos também o plano de transporte de mercadorias e logística, plano de promoção da integração entre os transportes e uso do solo, plano de medidas inovadoras de gestão de mobilidade e um plano de ações de sensibilização e informação, que também é importante.

Alguns dos projetos principais e prioritários que estão em curso e que decorrem deste plano de mobilidade sustentável: promoção dos modos suaves nas deslocações de curta distância, nomeadamente na implementação de algumas ciclovias, o reforço da fiscalização de estacionamento e a criação de alternativas ao estacionamento de superfície, está em curso o contrato de concessão de estacionamento, está em concurso. Vai permitir a construção de 3 parques de estacionamento enterrado na cidade.

Temos o plano municipal de segurança rodoviária, que eu também já falei, o serviço publico de transporte de passageiros também é muito importante porque permitiu, até agora,

implementar os passes Navegante Municipal e também, da área metropolitana. Ainda agora estive com amigo meu que me disse que vem de Corroios, há dois anos, para Setúbal e que me disse que aderiu ao passe Navegante e eu fiquei feliz, porque é menos um carro a vir à cidade, são cerca de 10 metros quadrados que nós ganhamos de espaço público, fiquei muito contente. Temos o interface de Setúbal, é uma obra que também já esta adjudicada, vai-se iniciar. A implementação e monitorização do plano de mobilidade, é uma ação também necessária, estamos a desenvolver também o cadastro da sinalização rodoviária, os modos suaves, a revisão da postura municipal de trânsito, e também estamos com um plano de pintura de passadeiras e também de sinalização horizontal, para garantir a segurança dos peões e também uma melhor circulação do trânsito. Esta imagem é do interface, só para poderem ver mais ou menos. O interface vais custar cerca 4 milhões de euros, é uma obra que vai juntar o modo ferroviário com o modo rodoviário, na zona da praça do Brasil. Atualmente temos estes modos muito separados, obriga a deslocações e a transbordos, não é isso que queremos, o que queremos é potenciar a intermodalidade e que as pessoas deixem de usar o carro para ir para estas estações, podem deslocar-se a pé, desde o centro da cidade, é isso que esta estação vai permitir. As ciclovias que já estão feitas vão interligar, também, com este interface, com a implementação de um sistema de bicicletas partilhadas podemos ter todos estes modos interligados.

Falar aqui também, esta é uma intervenção que não é tão cara e com coisas talvez singelas conseguimos ter aqui grande impacto. Isto foi um passeio que foi feito no acesso à praia da Albarquel, é um passeio que, como vêm, anteriormente era uma berma ao longo da estrada. Na altura da praia, a berma estava cheia de carros, e tínhamos crianças a passar na faixa de rodagem na insegurança completa e os próprios utentes da praia. A Câmara avançou com um processo de desclassificar esta estrada, que era uma estrada nacional, com a desclassificação avançou-se com um projeto de requalificação e de execução de um passeio como deve de ser, para que as crianças e os utentes daquela praia passassem em segurança.

A Praia de Albarquel é uma praia urbana, é uma praia que pode constituir um espaço público, e constitui um espaço público onde há a socialização das pessoas, e, na minha opinião, uma maior qualidade de vida, ou seja, potenciamos aqui "walkability", o percurso pedonal de acesso a um espaço público de excelência, potenciamos a socialização, logo, uma maior qualidade de vida.

Salientar que, a importância deste passeio, que é uma obra não muito cara, mas criou-se, do ponto de vista ambiental, um miradouro virado para uma das mais belas baías, com cerca de quatrocentos metros de extensão, portanto, é uma obra que tem alguma importância.

Assim, concluindo, a caminhabilidade das cidades é um elemento fundamental para a mobilidade humana sustentável. As ruas também são locais de encontro e de estadia, não apenas de circulação e movimento. A maior atratividade do espaço está positivamente relacionada com mais pessoas a andar nas deslocações quotidianas e de lazer, a oferta de novos usos pode suscitar a procura de novos utilizadores e é necessária uma abordagem integrada e coerente não limitada a intervenções pontuais, daí termos feito o nosso plano de mobilidade sustentável, para termos uma visão alargada de toda a mobilidade na cidade e no concelho de Setúbal.

Assim, o que se pretende, no fundo, na cidade de Setúbal, como cidade educadora, é uma mudança no paradigma da mobilidade e que seja, de facto, uma mobilidade sustentável para todos.

"CAMINHOS QUE SE TRILHAM" | EXPERIÊNCIAS LOCAIS DE SUCESSO

SALA 1.2.
Moderadora: Clara Félix | Diretora de Escolas de Azeitão

CORPOS QUE PENSAM, CORPOS QUE AGEM
Ricardo Guerreiro Campos | Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA) e Escola Superior de Educação de Lisboa

A presente comunicação insere-se numa linha de investigação em Educação Artística que questiona e potencia a operacionalização, integração e transformação das práticas artísticas contemporâneas em contextos de educação formal. Acompanhar-se-á o processo de experimentação artística a pedagógica implementada no Ensino Artístico Especializado da Dança na Academia de Dança Contemporânea de Setúbal. No âmbito da disciplina de História da Cultura e das Artes desenvolveram-se um conjunto de ações artísticas e pedagógicas com vista a valorização do sentido crítico, estético e cívico a partir de referências históricas, artísticas e culturais. A História da Arte é comummente entendida enquanto campo unicamente teórico, quer ao nível da sua investigação bem como na sua aplicação no plano de estudos dos cursos Artísticos Especializados e Científico-Humanístico de Artes Visuais. De modo a criar uma relação orgânica, coerente e transformadora entre o pensamento e a ação, potenciou-se o corpo enquanto ferramenta de aprendizagem. Desta forma, como pode a História da Cultura e das Artes propor uma articulação sustentada e orgânica entre o pensar e o agir, o conceito e a criação? Tentando prolongar e procurar através das práticas artísticas contemporâneas o lugar pedagógico de libertação do gesto em disciplinas fortemente escolarizadas, esta comunicação procura apontar caminhos de experimentação e complementaridade de saberes no âmbito de um curso de formação de bailarinos. A exploração de diálogos interdisciplinares entre as artes visuais, performativas e a História da Arte são de extrema importância na valorização e reflexão sobre o papel e presença do corpo do aluno no processo de aprendizagem. É neste sentido que a Escola deve desempenhar um papel fundamental na valorização da presença do corpo, enquanto elemento construtivo do processo de ensino-aprendizagem. Efetivamente, a conceção da planificação de atividades valorizou a experiência concreta do corpo como impulsionador para a reflexão em torno de temas e conceitos basilares à História da Cultura e das Artes, bem como para a relação indissociável entre corpo e pensamento. Os exercícios propostos permitiram experimentar metodologias práticas que envolviam diretamente o corpo

enquanto agente ativo e atento à concetualização e concretização. Na verdade, cruzar diferentes áreas do saber em contexto de aprendizagem é uma estratégia que sustenta o caminho da criatividade e permite que novas relações se criem e se materializem.

OS MUSEUS COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM NÃO FORMAL AO LONGO DA VIDA
José Luís Catalão | Câmara Municipal de Setúbal

Criado em 1985 o Serviço Educativo do Museu de Setúbal/ Convento de Jesus será o inicio de um Serviço Educativo mais alargado posteriormente, com o surgimento de outros Museus Municipais e outros equipamentos museológicos.

Ao longo da sua história, o Serviço Educativo dos Museus Municipais de Setúbal foram largando o seu campo de ação, bem como o seu trabalho com diferentes públicos e de diferentes idades. Há muito que deixou de ser as quatro paredes de um edifício para se desenvolver na comunidade – de nascente a poente, da cidade ao campo, do litoral ao interior.

O trabalho desenvolvido, quer em visitas guiadas, ateliers, conferências, que mesmo na articulação de outros projetos, sejam eles promovidos internamente com outros serviços da autarquia, que com outras entidades externas, permite uma aprendizagem não formal por parte de todos aqueles que são nossos utilizadores.

Ao longo de mais de três décadas de ação, muitos foram aqueles que participaram nas suas atividades e que hoje recorrem a elas, já não como utentes, mas como promotores de atividades com as suas turmas e/ou grupos;

O Serviço Educativo conta com técnicos com formação diversificada, e o seu trabalho é reconhecido pelos pares.

A integração de outras áreas de valência dos Museus e a procura de oferta de novos módulos, é uma constante.

Hoje como ontem, promovemos uma educação não formal para todos aqueles que procuram os nossos serviços, que pretendemos que sejam pouco burocratizados, bastando um simples telefonema para a marcação prévia.

Educação é para a vida!

AFINAL O QUE HÁ CÁ DENTRO. DESENVOLVERUM CÉREBRO LEITOR.
Maria João Frade e Margarida Costa |Casa da Avenida

O projeto enquadra-se no serviço educativo da galeria Casa d'Avenida, em Setúbal. Ao longo de um ano civil, a partir do livro âncora Cá Dentro, da editora Planeta Tangerina desenvolve-se um projeto de promoção da leitura em continuidade. Realiza-se no último domingo de cada mês, no período da manhã, num total de 9 meses (interrompe no período das férias de verão). Destina-se a crianças entre os 6/ 7 e os 10/11 anos, contando manter a estabilidade do grupo (entre 15 e 18 crianças) ao longo de todo o ano. Todos os ateliês se desenvolvem a partir de uma

mesma estrutura; ao longo de duas horas e meia, desenrolam-se três momentos: Leitura em voz alta, a partir de livros criteriosamente selecionados de acordo com a temática e o público-alvo, perscrutados criticamente a partir da metodologia de Filosofia com Crianças (FcC) e da realização de uma atividade de expressão escrita e/ou plástica. A leitura apresenta-se como o eixo de toda a atividade, com enfoque especial no desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, promovendo competências de escuta ativa, diálogo, argumentação e imaginação. Apresenta uma calendarização de janeiro a dezembro de 2019 e o público-alvo caracteriza-se como sendo constituído por crianças entre os 6/ 7 e os 10/11 anos, provenientes de um meio socioeconómico favorecido: viajam com os pais, têm livros em casa, frequentam aulas de música ou de dança, são oriundos de famílias estruturadas, com irmãos mais novos e os pais têm formação superior, apresentando, as crianças, um nível cultural e educacional elevado, participando de forma regular em atividades da Casa, conhecem o espaço, utilizam-no com autonomia e respeitam-no (os ateliês realizam-se no espaço da galeria, frequentemente ocupada com exposições temporárias).

A frequência continuada e regular das mesmas crianças permite o estabelecimento de uma relação socio afetiva positiva com a anfitriã (dona da casa) e a dinamizadora dos ateliês, o que também permite que a planificação das sessões vá sendo ajustada mensalmente, de acordo com os interesses de cada criança e do grupo. O progressivo conhecimento de um grupo que oferece alguma estabilidade e a oportunidade de escuta das propostas individuais propicia a criação de desafios cada vez mais interessantes para as crianças, a partir da estrutura base dos ateliês. Cada ateliê tem uma lotação prevista de 15 crianças, embora ocasionalmente chegue às 18 (irmãos e familiares).

O objetivo geral passa por criar um serviço educativo para público não escolar, centrado na promoção da leitura, que seja reconhecido como uma oferta diferenciada da existente na cidade de Setúbal. Por outro lado, no caso dos objetivos específicos podemos distinguir duas tipologias a considerar. Para a galeria, pretendemos (i) fidelizar público infantil à galeria (pretende-se que, pelo menos, 60% das crianças realize 5 ou mais ateliês); (ii) desenvolver atividades de promoção da leitura, de Filosofia para Crianças e de expressão escrita e/ ou plástica, de forma regular para público não escolar (pretende-se realizar uma atividade mensal abrangendo, pelo menos, 12 crianças/ mês). Para as crianças pretende-se (i) conhecer um vasto número de livros de literatura infantil, nacional e estrangeira, que permita estabelecer relações de intertextualidade a partir de uma temática integradora, fomentando a curiosidade e o gosto pela leitura (ler/ ouvir ler/ utilizar, entre 3 e 5 livros para a infância, por sessão, o que fará com que cada criança contacte com 27 a 45 livros ao longo de um ano); (ii) desenvolver competências de escuta ativa, de participação democrática, de pensamento crítico, de diálogo e de argumentação através da metodologia da Filosofia para Crianças (participar, pelo menos, duas vezes por sessão nos jogos, debates ou diálogos levados a cabo durante esta etapa do ateliê); (iii) vivenciar experiências

desafiadoras de escrita e artísticas (realizar, pelo menos, uma produção escrita e/ ou plástica por sessão e avaliá-la como interessante e prazerosa).

Complementar à recolha de evidências que permita aferir da consecução destes objetivos específicos junto das crianças participantes, acresce toda a informação que vai sendo trazida através das conversas informais com as famílias, nos comentários na publicação dos álbuns das atividades no Facebook e na qualidade do próprio trabalho que se vai fazendo com as crianças de sessão para sessão.

De modo a garantir a sustentabilidade do projeto, propõem-se as seguintes ações de enquadramento, que naturalmente antecedem a planificação e realização dos ateliês: (i) caracterização do público-alvo: O público-alvo é caracterizado a partir de uma ficha de inscrição e nas conversas informais com as famílias; (ii) divulgação do projeto e das atividades: Este projeto de ateliês de continuidade é divulgado regularmente através dos canais de comunicação da galeria (Facebook e Instagram) e ainda por envio de correio eletrónico às famílias das crianças inscritas. A transmissão "boca a boca" é um dos veículos privilegiados de expansão do público que procura este serviço; (iii) seleção e aquisição (caso necessário) das obras a ler em cada sessão: Cada ateliê aborda uma temática específica, para a qual é criado um guião de leituras que têm uma sequência pedagógica e literária intencional, para que as leituras realizadas tenham um sentido. Isso obriga a um processo criterioso de seleção dos livros (e por vezes à aquisição de alguns que não constam da biblioteca própria) e a uma preparação cuidada da leitura em voz alta desses títulos; (iv) equipa de apoio: para cada sessão, é necessária a criação de uma pequena equipa de apoio à divulgação prévia, à receção das crianças, à realização das atividades e à recolha de imagens para divulgação e registo das sessões. Esta equipa não é fixa (à exceção da dona da Casa e da animadora), pelo que, mensalmente, é preciso recrutar, de entre o pessoal disponível, quem vai apoiar cada sessão.

No que diz respeitos às ações especificas, para a realização de cada ateliê, tendo em conta que a sua especificidade, é necessário desenvolver um conjunto de ações tendo em vista: (i) adequação dos espaços: a Casa é um imóvel antigo, adaptado a galeria e que dispõe de várias salas, com características diferentes. Em cada sessão, de acordo quer com as exposições em vigor, quer com a própria planificação do ateliê, são escolhidos, decorados e preparados com o mobiliário e recursos adequados os espaços que serão utilizados; (ii) aquisição e preparação dos materiais: Para além da questão dos livros, anteriormente abordada, há um conjunto de materiais de expressão plástica, cujas necessidades têm que ser inventariadas, adquiridas e preparadas previamente em cada sessão; (iii) planificação e preparação da sessão: cada ateliê, pela sua complexidade ao nível da gestão do tempo e das propostas diversificadas que são feitas às crianças, exige uma cuidada preparação das leituras, a elaboração da agenda de discussão ou jogo para FcC para explorar o aprofundamento do pensamento crítico, criativo e colaborativo a partir das leituras feitas e a preparação/ teste das experiências plásticas ou de escrita a realizar;

(iv) registos fotográficos e escritos: em cada sessão são realizados registos que, posteriormente, têm que ser trabalhados, quer para a partilha e a divulgação, para integrar o produto final (livro) que cada criança constrói ao longo do ano.
No que respeita à monitorização e avaliação do projeto é feita a recolha de evidências através do número de ateliês frequentados por cada criança, registado em mapa de presenças próprio, que envolve: (i) contabilização, através da inscrição, do modo como tiveram conhecimento do projeto (registar o número de crianças que vêm por recomendação de outros frequentadores); (ii) grau de satisfação das crianças (opinião colhida no final de cada sessão: interesse, participação, gosto, vontade de repetir); (iii) feedback dos pais (álbum no FB: comentários). Por outro lado, nas conversas informais com os pais é tido em conta: (i) tencionam regressar no ano seguinte?; (ii) se recomendam a amigos/ familiares/ outros? (iii) recolha de comentários e sugestões.

PROGRAMA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO PELA ARTE E PELAS CIÊNCIAS EXPERIEMENTAIS
Susana Marques | Câmara Municipal de Setúbal
No âmbito do programa PorLisboa PT2020, medida 10.1 – Redução e prevenção do abandono escolar precoce e estabelecimento de condições de igualdade no acesso à educação infantil, primária e secundária, incluindo percursos de aprendizagem formais, não formais e informais, para a reintegração no ensino e formação; Fundo Social Europeu; Redução do abandono escolar; Planos Inovadores de Combate ao Insucesso Escolar, o município de Setúbal apresenta o Programa Municipal de Educação pela Arte e pelas Ciências Experimentais.
A Operação contempla 4 ações: (i) animação do livro e da leitura (pré-escolar e 2º ano do 1º CEB); (ii) movimento e dança (1º ano do 1º CEB); (iii) ciências experimentais (pré-escolar e 3º e 4º anos do 1º CEB); (iv) ciências experimentais: capacitação de recursos humanos (educadores e professores).
As ações propostas pretendem constituir-se como um complemento à ação educativa, articulando-se e interligando-se com a escola e com os seus atores no sentido de serem desenvolvidas novas práticas pedagógicas, novas metodologias e diferentes materiais.
O Programa abrange a totalidade das turmas da Educação Pré-escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico do ensino público do concelho, com a realização de 6 a 8 sessões por ano letivo.
Os principais objetivos passam por contribuir para o sucesso educativo e a qualidade das experiências de ensino-aprendizagem; intervir em anos precoces de escolaridade de modo a prevenir dificuldades de aprendizagem e insucesso escolar; contribuir para a capacitação dos docentes, permitindo um aprofundamento de conhecimentos e competências em diferentes áreas do saber; promover o pensamento crítico e abstrato, a criatividade, a educação dos sentidos, a psicomotricidade, o domínio da língua materna e a formação de públicos; contribuir para a aquisição de métodos de trabalho, a autorregulação emocional, a postura, a atenção e a

concentração; promover a aprendizagem ativa das ciências, a curiosidade e a capacidade de observação, a resolução de problemas e a experimentação;
O método utilizado pressupõe a contratação de serviços especializados nas áreas das artes e ciências, com a supervisão e acompanhamento dos serviços do município; a planificação e realização das sessões, em contexto escolar de sala de aula e/ou outros espaços da escola e da comunidade, com a participação ativa de professores e educadores, que se constituam, simultaneamente, como momentos de capacitação de docentes e de alunos; a publicitação, divulgação e disseminação dos resultados e das boas práticas junto da comunidade educativa e população em geral.
Em termos de resultados espera-se que se verifique uma melhoria no sucesso educativo no concelho de Setúbal, nomeadamente ao nível da língua portuguesa, matemática e ciências, com a aplicação deste programa que terá início em setembro de 2019 e terminará em setembro de 2021.

SALA 1.3.
Moderador: Ramiro Sousa | Diretor da Escola Secundária D. João II

CIÊNCIA VIVA NA ESCOLA "Compostagem na escola para um ambiente mais sustentável"
Isabel Evangelista, Manuela Silva e Margarida Pita | Escola secundária Bocage
A compostagem é um processo aeróbio controlado de bioestabilização de biomassas. Este processo tem sido utilizado pelos agricultores como forma de obter produtos com interesse agrícola. A nível industrial o processo de compostagem tem apresentado um elevado crescimento, principalmente quanto à fração orgânica dos resíduos sólidos urbanos, tendo por fim recuperar a matéria orgânica que rejeitamos com elevados custos económicos e ecológicos. A separação dos resíduos orgânicos é já uma realidade em muitos países constituindo uma rotina de cumprimento obrigatório. Com os problemas crescentes do aquecimento global temos a urgência de adquirir essas rotinas e de educar para uma cidadania ativa. A escola deverá assim ser o "motor" da civilidade e da modernidade.
Por outro lado, foi verificado por muitos professores que a realização de projetos ligados ao ambiente constitui frequentemente uma forma de motivar os alunos para a aprendizagem de ciência, tirando-a da sua "torre de marfim" e trazendo-a para um contexto mais acessível e interessante para alunos. Nestes projetos há muitas vezes a necessidade de utilização de uma componente experimental, do tipo laboratorial.
O projeto "Compostagem na Escola para um ambiente mais sustentável" tem como finalidade o envolvimento de toda a comunidade educativa. Neste contexto criar-se-ão equipas de alunos, professores e funcionários para recolha de resíduos orgânicos nos vários locais da Escola e deposição nos compostores. Pretende-se sensibilizar todos os elementos da comunidade

escolar para a importância da recolha seletiva/tratamento dos resíduos orgânicos e posterior aplicação na agricultura biológica.
Quando o processo estiver em fase de conclusão e antes de se aplicar o composto nos terrenos há que verificar a qualidade do produto obtido. Essa verificação será feita segundo protocolos experimentais já usados e testados (Maria Isabel Castanheira, "A química e o tratamento de resíduos sólidos- atitudes e conhecimentos- um projeto de educação ambiental no ensino da química na escola secundária"), e laboratorialmente em microescala, com Kits de análise química apropriados. Se a qualidade do composto for boa poderá ser lançado á terra e inicia-se um novo processo.
Pretende-se com este projeto contribuir para o desenvolvimento nos alunos das capacidades de resolução de problemas, de confronto de pontos de vista, de trabalho em equipa, de análise crítica de resultados, de discussão de validade de conclusões, que permitam tomadas de decisão e a sua participação ativa enquanto cidadãos, tendo em atenção o Perfil do Aluno à Saída do Ensino Secundário.

O MAR DÁ BOM CLIMA
Sílvia Tavares | Ocean Alive
Contrariamente ao senso comum, é no oceano que estão os três ecossistemas com maior capacidade de retenção de carbono do planeta, entre os quais as pradarias marinhas, um habitat que existe no estuário do Sado e é o foco da ação da Ocean Alive (OA).
Num momento em que enfrentamos uma crise climática e os jovens se manifestam um pouco por todo o mundo revelando preocupação com o seu futuro, nunca foi tão urgente transmitir-lhes o conhecimento científico e as ferramentas de cidadania ao nosso dispor, que lhes permitam manter a esperança e agir por um desenvolvimento sustentável.
O mar dá bom clima é um projeto da Ocean Alive, com o apoio da União Europeia e Camões I.P. no âmbito do No Planet B – AMI, a decorrer até abril 2020. Este projeto é um contributo para os objetivos definidos na agenda 2030 da ONU, nomeadamente para o ODS13 (adotar medidas urgentes para combater alterações climáticas e os seus impactos).
O objetivo deste projeto é sensibilizar e dar um papel ativo às comunidades costeiras em torno da importância do oceano no combate às alterações climáticas, nomeadamente através da promoção da cidadania ativa e advocacia para a proteção do oceano.
Com este projeto estamos a criar um programa de educação sobre o papel da proteção das pradarias marinhas no combate às alterações climáticas, com um efeito multiplicador na comunidade local, através da sensibilização e capacitação das comunidades educativa e piscatória e a promoção do envolvimento de outros agentes locais.
Ambicionamos capacitar e empoderar 30 professores de 3º ciclo e/ou secundário, de várias áreas, através de cursos de formação creditados, que contam com o envolvimento de centros

de investigação científica (CCMAR – Universidade do Algarve) e ONGs de ambiente e educação (OA e Fundação Vox Populi), e da disponibilização de materiais pedagógicos sobre este tema. A aposta do projeto no desenvolvimento destas competências dos professores é a condição que permitirá multiplicar, de forma continuada, o conhecimento nas gerações mais jovens.
Temos também como meta a participação de 200 alunos de 3º ciclo, secundário e universitário até abril 2020. Com o projeto os jovens serão encorajados a assumir um papel ativo (investigação-ação), responsabilidade e sentimento de pertença que levarão à valorização das pradarias marinhas locais pelo seu impacto para o desenvolvimento sustentável. Os jovens terão a oportunidade de conhecer de perto este habitat e investigar acerca dele, envolvendo outros agentes locais que poderão melhorar o estado das pradarias marinhas do estuário do Sado.
Acreditamos no poder dos jovens e professores para catalisar mudanças locais com impacto global. Procuramos professores que se queiram juntar a nós nesta missão!

A ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO MUNICÍPIO DE SETÚBAL
Rute Vieira | Câmara Municipal de Setúbal
A cidade de Setúbal prima pelo seu enquadramento cénico, a beleza da paisagem da baía de Setúbal é marcante - Setúbal pertence ao Clube das mais Belas Baías do Mundo desde novembro de 2002. Acresce o enquadramento da cidade nos territórios adjacentes classificados do Parque Natural da Arrábida, do Parque Marinho Luis Saldanha e da Reserva Natural do Estuário do Sado. Dos cerca de 230km2 que constituem o território do Concelho, 53% localizam-se em área protegida. No Município de Setúbal a aposta tem sido feita no âmbito da educação ambiental, mas também na vertente de informação e sensibilização. Neste sentido foi desenvolvido um Plano de Comunicação e Sensibilização Ambiental e estabelecida uma Rede de Centros de Educação Ambiental. O Moinho de Maré da Mourisca, o Centro de Interpretação do Roaz Corvineiro, o Jardim Multissensorial das Energias, a Embarcação Maravilha do Sado e as Hortas Urbanas de Setúbal são equipamentos, e espaços, municipais que potenciam as características do território, e dos valores em presença, e que estão estruturados mediante uma lógica de complementaridade de conteúdos.

MALETA PEDAGÓGICA ÁGUA PARA TODOS
Cátia Cavaco | ENA
A Maleta Água para Todos resultou da candidatura da ENA ao Programa “Educação Ambiental + Sustentável - Promover o Uso Eficiente da Água”, do Fundo Ambiental, e é subordinada à temática da Água. A Água está no centro do desenvolvimento sustentável e das suas três dimensões - ambiental, económica e social. Os recursos hídricos, bem como os serviços a eles associados, sustentam os esforços de erradicação da pobreza, de crescimento económico e da sustentabilidade ambiental. O acesso à água e ao saneamento é basilar para todos os aspetos

da dignidade humana. Garantir a Disponibilidade e Gestão Sustentável da Água Potável e do Saneamento para Todos é o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável nº 6 da Agenda 2030, das Nações Unidas.

A Maleta Água para Todos pretende ser um importante contributo na (re) aprendizagem da forma como utilizamos este recurso. Todos temos Direito a água potável e saneamento básico, e todos temos o Dever de proteger e poupar este recurso. A maleta tem por objetivo geral contribuir para a promoção da eficiência hídrica e para a adoção de práticas mais sustentáveis no uso eficiente da água, com especial enfoque para a redução dos consumos. Os seus conteúdos pretendem dotar a população escolar e a comunidade em geral de novos conhecimentos que visem a mudança de comportamentos, promovendo um diálogo aberto, crítico e reflexivo sobre os novos desafios associados à valorização do recurso água. A maleta é dirigida à população escolar (pré-escolar, 1º, 2º e 3º ciclos) e aborda diferenciadamente as seguintes temáticas: A Água no Planeta, os Desafios relacionados com a Água e o Uso Eficiente da Água. Esta maleta inclui ainda um livro infantil intitulado "Aguarela" (cujo texto é da responsabilidade do autor Pedro Soromenho e a ilustração do ilustrador César Peixoto); um teatro de fantoches onde a história da Aguarela ganha vida; e um jogo gigante intitulado Missão Sustentabilidade. O jogo surge como uma ferramenta de educação ambiental que procura responder à seguinte questão: como viver numa sociedade que valoriza a água como um recurso de uma importância inigualável? A maleta traz ainda uma sugestão para o 2º e 3º ciclo: um Concurso Escolar designado "Água para Todos" que visa promover a eficiência hídrica na escola bem como a sensibilização da comunidade escolar para a adoção de práticas e comportamentos mais sustentáveis no uso eficiente da água.

SALA 1.4.

Moderador: António Batista | Diretor do Agrupamento Luísa Todi

MICRO-SAFARI NO SADO

Joana Teixeira | Agrupamento de Escolas Lima de Freitas e Instituto Superior Técnico

O projeto "Micro-Safari no Sado", do Agrupamento Lima de Freitas (ALF) em parceria com o Instituto Superior Técnico - Universidade de Lisboa (IST), nasceu do desejo dos alunos em fazerem "ciência a sério" e por acharem interessante contactar com o Ensino Superior. Por outro lado, estão rodeados de áreas naturais protegidas (Parque Natural da Arrábida e Reserva Natural do Estuário do Sado) e são uma geração mais consciente ambientalmente e que procura encontrar soluções para problemas ambientais graves, tais como a acumulação de plástico nos ecossistemas, ao mesmo tempo que gostariam de criar riqueza a partir de valores naturais da região.

Tem como objetivos: (i) a identificação de bactérias no Rio Sado produtoras de bioplásticos (plásticos biodegradáveis) e de exopolissacáridos (espessantes, estabilizantes, emulsificantes e gelificantes, utilizados na indústria alimentar, farmacêutica, cosmética, etc.); (ii) fornecer aos alunos uma vivência de como se constrói Ciência, levando-os a contactar com profissionais, instituições e métodos desta área; (iii) proporcionar uma visão de maior amplitude nas escolhas que os jovens podem conceber para a sua vida profissional, podendo servir a Ciência como impulsionador social.

Utiliza como métodos principais de desenvolvimento, a realização de palestras na EBSLF-ALF por professores do IST sobre Microbiologia, o trabalho de campo para recolha de sedimentos do Sado no Moinho de Maré da Mourisca e nas Praias do Sado, o trabalho de Laboratório na EBSLF-ALF para semear bactérias em meio de cultura a partir dos sedimentos recolhidos, o trabalho de Laboratório no IST para identificar bactérias do rio Sado produtoras de bioplásticos e exopolissacáridos e a apresentação pública na Casa da Baía para divulgação do projeto, dos seus resultados e da avaliação do projeto realizada pelos alunos.

Os principais resultados obtidos foram a identificação de bactérias produtoras de bioplásticos e de exopolissacáridos nos sedimentos do rio Sado.

Concluiu-se que todas as atividades foram concluídas com sucesso. Alguns alunos, sobretudo aqueles com mais dificuldades, tiveram um empenho muito maior do que tiveram até ali, por outro lado, o contacto com o Ensino Superior despertou-lhes curiosidade e abriu-lhes o leque de opções.

SELO VERDE – CERTIFICADO DE QUALIDADE AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE SETÚBAL

Cristina Coelho | Câmara Municipal de Setúbal

O Selo Verde é um Certificado de Qualidade Ambiental atribuído pelo Município de Setúbal, e implementado em parceria com a ENA – Agência de Energia e Ambiente da Arrábida. Este projeto resulta da adesão da Câmara Municipal de Setúbal ao Pacto de Autarcas, compromisso assumido pelos municípios de vários países europeus para a implementação, ao nível local, de políticas e medidas que contribuam para o combate às Alterações Climáticas. O Selo Verde tem por objetivo o incentivo, a promoção e o reconhecimento de boas práticas ambientais implementadas nos diferentes sectores da sociedade do Concelho de Setúbal, nomeadamente junto de escolas, empresas, juntas de freguesia e do movimento associativo.

O Selo Verde é uma iniciativa de inscrição voluntária. Ao aderir o candidato beneficia de duas auditorias gratuitas para avaliação do desempenho ambiental e energético, assim como da identificação de boas práticas e aconselhamento técnico para a sua implementação. O Selo Verde tem como objetivo o reconhecimento de práticas e ações que promovam a qualidade ambiental, nomeadamente quanto à gestão eficiente de resíduos, da energia, da água, da mobilidade e consumo sustentáveis e, sobretudo, na redução das emissões de dióxido de

carbono: se o candidato mostrar melhoria da performance energética e ambiental da primeira para a segunda auditoria, o Selo Verde é atribuído. Na primeira edição do Selo Verde (2017-2019) houve 18 candidatos: 7 escolas, 7 empresas, 3 juntas de freguesia e 1 coletividade. A segunda edição do Selo Verde (2019-2021) será lançada em outubro de 2019.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL – COMO TRATAR BEM O AMBIENTE?

Mónica Santos e Ana Rita Abelho | Academia de Música e Belas Artes Luísa Todi

O projeto "Educação Ambiental – Como tratar bem o Ambiente?" pretende sensibilizar as crianças e as famílias para questões relacionadas com a preservação do meio ambiente. Este projeto além da componente desenvolvida em sala, está também projetado para abrir as portas da escola e estabelecer parcerias com entidades locais promotoras do ambiente e com a autarquia. Pretende-se transmitir a mensagem "Precisamos de todos, para um todo", estamos assim todos juntos pelo ambiente: escola, alunos, equipa, famílias, autarquia e outras entidades.
Para o presente projeto foram definidos objetivos para cada uma das vertentes a serem trabalhadas: Escola/Sala Laranja – onde iremos abordar a temática através de histórias, canções, experiências, imagens, vídeos, filmes; Escola/Entidades promotoras do Ambiente – onde iremos desenvolver parcerias com a Câmara Municipal de Setúbal; a Organização Fell4Planet; Escola/Família – Iremos procurar junto das famílias recursos essenciais para a realização do projeto.
Os objetivos transversais a todo o projeto, passam por: (i) sensibilizar para a importância da preservação do Ambiente; (ii) promover experiências enriquecedoras que promovam valores e aprendizagens para a vida futura; (iii) desenvolver parceria com entidades da comunidade e com a família, no sentido de valorizar a união, o espírito de equipa e a entreajuda mediante tão nobre temática; (iv) promover o bem-estar, a saúde e o ambiente e (v) recorrer ao saber científico, técnico e tecnológico.
Pretendendo alcançar os objetivos definidos foram delineadas estratégias a desenvolver ao longo do ano, de acordo com os interesses do grupo de crianças.
Estas foram registadas por escrito e por imagem, e encontram-se na posse da educadora responsável pelo projeto.

MÊS DOS RISCOS E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS NO AGRUPAMENTO

Alexandre Aleluia | Câmara Municipal de Setúbal

Portugal encontra-se entre os países europeus com maior vulnerabilidade aos impactes das alterações climáticas. A generalidade dos mais recentes estudos científicos aponta a região do sul da Europa como uma das áreas potencialmente mais afetadas.
O ser humano é confrontado de forma cada vez mais frequente, enquanto protagonista direto ou indireto (por intermédio da realidade que perceciona ao seu redor) com fenómenos

meteorológicos atípicos ou extremos, que se acredita estarem correlacionados com este processo induzido por fatores antropogénicos

Setúbal, enquanto "Cidade Resiliente" e comprometida com os respetivos dez passos essenciais, destaca a garantia da existência "de programas de educação e treino sobre a redução do risco de catástrofes", assumindo através do seu papel enquanto Autoridade Municipal de Proteção Civil, essa responsabilidade e papel dinamizador.

É também no contexto do do conhecimento cientifico que vem sendo desenvolvido e fomentado à escala Metropolitana e Municipal que surge o projeto "Comunicação e Sensibilização em Cenários de Risco Associados às Alterações Climáticas", assumindo como objetivo a capacitação de crianças e jovens para os desafios ao nível da mitigação e adaptação que este processo impõe.

Através deste projeto financiado pelo POSEUR, o Município de Setúbal propõe-se a desenvolver um conjunto de atividades temáticas em cada Agrupamento de Escolas: o "Mês dos Riscos e das Alterações Climáticas no Agrupamento". convidando para o efeito um conjunto de parceiros estratégicos da área da ciência, prestadores de cuidados de saúde, agentes de proteção civil e também entidades responsáveis pelo desenvolvimento de ações de educação ambiental.

No "Mês dos Riscos e das Alterações Climáticas no Agrupamento", propõe-se a realização de atividades com o envolvimento dos alunos do Ensino Básico e Secundário: Bancas temáticas, Demonstrações, Apresentações e Debates, Sessões com figuras públicas e visitas à Exposição "Riscos Aprender e Evitar".

SALA 1.5.

Moderador: Adelaide Fernandes | Chefe de Divisão e Administração e Planeamento Escolar

A IMPORTÂNCIA DA FUNÇÃO EDUCATIVA, SOCIAL E CULTURAL NO ARQUIVO

A Experiência (como Prática) / caso (como sucesso) do Arquivo Municipal de Setúbal

Nuno Soares | Agrupamento de Escolas Lima de Freitas

Esta comunicação apresenta a experiência que vem sendo desenvolvida no Arquivo Municipal de Setúbal na implementação e desenvolvimento do Serviço Socioeducativo. São referidos os diferentes passos, as práticas de animação sociocultural no campo da cooperação para o desenvolvimento, de forma a aproximar o arquivo municipal do público. A funcionar como instrumentos, educativos extracurriculares, a sua importância no desenvolvimento humano, apresentar que há outros intervenientes na educação para além das escolas, mostrar as dimensões da educação não formal e da aprendizagem ao longo da vida. Existindo o verdadeiro interesse na permanência, na expansão e no aperfeiçoamento, sendo reconhecida a sua importância e apoio desde que foi apresentado como "Projeto AnimArq" (em maio de 2010)

dentro da autarquia por parte da Sra. Presidente da Câmara Municipal de Setúbal, Dra. Maria das Dores Meira, tendo sido criado o Serviço Socioeducativo (em junho de 2015).

VIAJAR NO PATRIMÓNIO

Sandra Abreu Silva e Conceição Catela | Escola Secundária de Palmela do Curso de Turismo Ambiental e Rural – Comércio

«Viajar no património» é dinamizado com e por uma turma da Escola Secundária de Palmela do Curso de Turismo Ambiental e Rural – Comércio, desde o ano letivo 2017-18 e desenvolve-se no âmbito do Plano Inovador de Combate ao Insucesso Escolar de Palmela EU CONQUISTO o meu Sucesso na área do Património.

Os principais objetivos passam por (i) desenvolver atividades que envolvam a comunidade escolar; (ii) criar nos alunos o gosto pela descoberta e pelo saber; (iii) educar pela arte, criando hábitos culturais e incentivar o gosto pela arte nas suas variadas vertentes, reforçando a parceria com o Museu Municipal de Palmela; (iv) desenvolver conceitos de cidadania (construção de um espírito de partilha e aceitação do Outro); (v) partilhar com a comunidade escolar as memórias construídas no clube «Viajar no Património – oficina da Memória».

O projeto enquadra-se na abordagem colaborativa e no reforço dos processos educativos, na capacitação de alunos, professores e pais e na otimização das aprendizagens permitindo o diálogo entre alunos, pais, famílias e professores, colocando os alunos no centro da sua própria história e património, reforçando o Projeto Educativo Local de Palmela e o ODS4 como elementos unificadores e orientadores das políticas educativas e do reforço da educação para todas e todos.

Esta "turma-piloto", em contextos diversos - visitas de estudo, conferências, oficinas, sala de aula "laboratório" - aprofunda o conhecimento e descobre o património local, nacional e internacional.

No clube «Viajar no Património – oficina da memória» os alunos assumem-se investigadores - os agentes do património – e através das suas aprendizagens/experiências difundem e comunicam o conhecimento, a valorização e a preservação do património local através do desenho de produtos turísticos como roteiros e cadernos de viagens.

Concluímos que Palmela, Município Educador Território de Convivência, potencia, com este plano, uma educação ativa, criativa, plena e sustentável, que se pretende geradora da igualdade de oportunidades no exercício da cidadania democrática.

ES D. JOÃO II E EUROPEAN SCHOOL NETWORK

Adelaide Botelho | Escola secundária D. João II

A Escola Secundária D. João II aderiu, em 2008, a um projecto intitulado European School Network (ESN) que consiste numa rede de escolas de países da União Europeia e Israel. A ideia surgiu de uma rede de 7 escolas finlandesas da zona de Tampere.

Este projeto consiste num Micro-Erasmus, que tem promovido intercâmbios com alunos e professores com o objetivo de adaptação e integração numa sociedade global, assim como proporcionar o contacto e vivências com diferentes sistemas de ensino, diferentes culturas e hábitos de vida.

O programa ESN consiste numa rede de parcerias entre 26 escolas de 12 países: Alemanha, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Hungria, Itália, Israel, Polónia, Portugal, Roménia e Turquia, e promove estadias de 8 a 60 dias no estrangeiro, em regime de assistência de aulas e alojamento em famílias cooperantes para alunos e professores das escolas deste projeto.

Baseia-se na compreensão mútua através de contactos pessoais, criação de um ambiente inspirador, aberto e seguro para amizades entre escolas e estudantes de toda a Europa, a fim de melhorar a qualidade da educação das nossas escolas no contexto da crescente realidade da cidadania europeia e da aprendizagem ao longo da vida, e manter a paz e o bem-estar na Europa. Ao construir essas pontes, a ESN quer estimular a descoberta de um terreno comum e o respeito pelos diversos valores culturais de cada país – unidade na diversidade.

Às famílias cabe custear as despesas de transporte e deslocação. O alojamento e a alimentação ficam a cargo da família cooperante. Cada família preenche um contrato em como se compromete a garantir as melhores condições ao convidado.

Anualmente, em outubro, realiza-se uma Conferência Internacional numa escola de um dos países, em regime de rotatividade, onde estão presentes todos os diretores e coordenadores do ESN de cada escola.

A base de trabalho reside na confiança: alunos enviados e/ou famílias que recebem são acompanhados pelo coordenador, diretor e/ou professor da escola. Nesta linha de pensamento, estes intercâmbios só são possíveis devido à estreita relação entre professores de ambas as escolas, ao empenho e compromisso das direções das escolas e à preciosa ajuda das famílias dos alunos, que se disponibilizam para receber alunos estrangeiros nas suas casas - “Host Families”.

A ESN acredita que, para fortalecer a rede e melhorar a cooperação entre os seus membros, é imperativo manter contatos pessoais entre os líderes das escolas e os professores, através de conferências e visitas regulares, e incentiva os programas de intercâmbio entre alunos e professores, pois são a forma mais importante de trabalhar em direção aos objetivos comuns.

Assim, a utilização de uma estrutura organizacional consolidada, estará adequada à partilha por outras entidades e organizações, contribuindo inequivocamente para o pensamento europeu e

para a construção democrática de uma cidadania europeia. A Europa e o Mundo constroem-se na base da confiança e da fé com pessoas, relações e experiências.
Ao longo destes anos realizaram-se as seguintes conferências anuais:
1ª Conferência Anual ESN: 2008 abril – Roma, Itália;
2ª Conferência Anual ESN: 2009, abril – Karpacz, Polónia;
3ª Conferência Anual ESN: 2010, janeiro – Zülpich, Alemanha;
4ª Conferência Anual ESN: 2010, outubro – Sarnico, Itália;
5ª Conferência Anual ESN: 2011, outubro – Istambul, Turquia;
6ª Conferência Anual ESN: 2012, outubro – Setúbal, Portugal;
7ª Conferência Anual ESN: 2013, outubro – Valkeakoski, Finlândia;
8ª Conferência Anual ESN: 2014, outubro – Marselha, França;
9ª Conferência Anual ESN: 2015, outubro – Leiden, Holanda;
10ª Conferência Anual ESN: 2016, outubro – Budapeste, Hungria;
11ª Conferência Anual ESN: 2017, outubro – Wiesbaden, Alemanha;
12ª Conferência Anual ESN: 2018, outubro – Sarnico, Itália;
13ª Conferência Anual ESN: 2019, outubro – Setúbal, Portugal;
Paralelamente à Conferência Anual de Diretores e Coordenadores, existe, desde 2012, a Conferência de alunos, onde participam aproximadamente 20 alunos das diferentes escolas/países. A nossa escola participou com uma aluna pela 1ª vez em Wiesbaden, em 2017.

SAIR PARA APRENDER, TRAZER PARA INCORPORAR E REPLICAR
Filomena Grazina | Agrupamento de Escolas Sebastião da Gama
Uma Ação Chave 1 do Programa Erasmus+ destina-se a financiar formação de professores na Europa.
É atribuída a escolas que apresentem um Plano de Desenvolvimento Europeu e objetivam as suas necessidades de formação e as metas que pretendem atingir com o auxílio daquele financiamento.
O projeto SAIR – Sair para Aprender, trazer para Incorporar e Replicar -, surgiu da necessidade de internacionalização do Agrupamento de Escolas Sebastião da Gama para responder aos desafios de uma escola atual, global e inclusiva onde a criatividade, a inovação e a cidadania são os impulsionadores do sucesso educativo.
O SAIR foi financiado no montante máximo de € 53 386,00, prevendo 26 mobilidades para formação, de acordo com o Plano de Desenvolvimento Europeu apresentado pelo Agrupamento.

A aposta na formação dos professores, suportada na participação em eventos de formação e seminários em contextos diversificados e criativos, permitiu a apropriação de práticas inovadoras e de modelos de sucesso, resultante da partilha e do intercâmbio de novas ideias.
As atividades de formação selecionadas centraram-se em 4 áreas de ação: Cidadania e Inclusão; Inovação Tecnológica e Metodologias de Ensino; Multiculturalidade e Dimensão Europeia e Organização e Gestão de Recursos e Projetos e foram ao encontro dos objetivos gerais traçados.
Com este projeto desenvolveu-se nos participantes diretos um maior envolvimento no seu desenvolvimento profissional, através da troca de experiências, aquisição de novas competências e conhecimentos, cruzando práticas pedagógicas e didáticas, valorizando a criatividade e a inovação; reforço de competências pedagógicas e de gestão no domínio da heterogeneidade e promoção da dimensão multicultural europeia (ser inovador na produção de materiais e estratégias de ensino; questionamento como forma de aprendizagem; trabalho de projeto); maior utilização de cenários digitais no processo de ensino e aprendizagem; e criação de uma rede europeia de professores promotora de cooperação.
Na organização - Agrupamento de Escolas Sebastião da Gama - Contribuiu para a consecução da Visão estratégica do Projeto Educativo enquanto agrupamento de referência pelo sucesso educativo e integração social dos alunos, promotor de saberes científicos, de valores como a Igualdade, Solidariedade, Tolerância e Respeito, Segurança, Responsabilidade e exercício de Cidadania Ativa, Participativa e Democrática; na implementação de parcerias e intercâmbio de experiências com outras instituições europeias; no desenvolvimento de programas de formação orientadas para a inovação e internacionalização do Agrupamento; na criação de uma cultura colaborativa, passando esta a ser uma referência na comunidade regional; na consciencialização da dimensão europeia; e na melhoria da qualidade dos serviços de educação oferecidos no agrupamento.
Criámos condições aos alunos para vivenciarem aprendizagens inovadoras e criativas, desenvolverem competências colaborativas e digitais, bem como uma cultura de respeito e **de** tolerância face à diferença.
Caso esta nossa candidatura seja aceite, consideramos que a Conferência de Educação é o espaço ideal para a divulgação e disseminação local e regional do nosso projeto.

SALA 0.1.
Moderador: Fernanda Oliveira | Diretora do Agrupamento de Escolas Sebastião da Gama

TALENT SPOT
Bernardo Ramos | Escola de Hotelaria e Turismo de Setúbal
O Talent Spot é uma iniciativa do Departamento de Formação das Escolas de Hotelaria e Turismo, Turismo de Portugal, Ministério da Economia. Teve o seu início no ano letivo de 2018/19 e em simultâneo nas 12 escolas que compõem o universo desta rede.
Os principais objetivos são: (i) definição de objetivos pessoais, sociais e profissionais; (ii) identificação de dificuldades e potencialidades psicossociais e profissionais; (iii) desenvolvimento de competências interpessoais e relacionais; (iv) desenvolvimento de competências escolares e académicas; (v) apoio psicopedagógico; (vi) combate ao insucesso escolar, (vii) preparação para o mercado de trabalho.
O método utilizado passa pela realização de sessões plenárias de sensibilização; levantamento de necessidades – PAPI (inventário de preferências); workshops; apoio psicopedagógico individual e atividades várias: descobre o teu talento; Dia dos afetos; Openday Pro; Embaixadores EHTS…entre outras.
Este projeto tem permitido uma maior consciência nas escolhas profissionais; a intensificação dos valores de escola; o aumento da proficiência na oralidade/discurso; um maior sentido de grupo/equipa e uma colaboração interdisciplinar mais empenhada.
Pode-se concluir que a experiência no Talent Spot foi francamente positiva, na medida em que todos os objetivos propostos foram trabalhados e desenvolvidos com os nossos alunos.
Todos os eventos/ ações realizadas envolveram ativamente os discentes e foi muito positiva a colaboração das turmas nível IV e nível V1.
Foram desenvolvidos projetos conjuntos, onde todas as áreas funcionaram e colaboraram mesmo que não frequentassem o mesmo ano ou nível de formação.

CRUZAR OLHARES POR SETÚBAL
Teresa Góis | Agrupamento de Escolas Luísa Todi
Na sequência dos princípios definidos no Decreto-Lei nº55/2018, de 6 de julho, foi criada, por decisão do Conselho Pedagógico do Agrupamento de Escolas Luísa Todi, a disciplina de Oferta Complementar, uma componente curricular complementar, designada na matriz do 1º e 5º anos, lecionada por par pedagógico, com uma carga horária semanal de 50 minutos. A integração de uma nova disciplina no currículo teve por objetivo o desenvolvimento de iniciativas e atividades que conduzissem a uma visão integrada dos saberes.
No ano letivo 2018|2019, a disciplina de Oferta Complementar desenvolveu o tema Cruzar Olhares por Setúbal, tendo a cidade e os arredores como pano de fundo para o desenvolvimento

de atividades que articulassem saberes de diversas áreas curriculares. Teve por base a gestão integrada do conhecimento, que se concretizou através da articulação disciplinar e, pontualmente, do trabalho interdisciplinar, tendo promovido, nos alunos, o desenvolvimento das capacidades de pesquisa, de análise, de reflexão e de relação. Era seu objetivo trazer a cidade e a região de Setúbal para o centro das aprendizagens, de modo a que os discentes construíssem e sedimentassem conhecimentos sobre o património natural e cultural da sua região. Foram desenvolvidas ações que permitiram, aos mesmos, conhecer, contactar e questionar a realidade que os envolve, sempre com o objetivo de os tornar cidadãos responsáveis, conscientes e atuantes.

Esta área disciplinar, através da diversificação de subtemas, propôs-se habilitar os alunos com saberes e valores centrados no conhecimento sobre o património enquanto bem comum a preservar; dar a conhecer as realidades naturais e culturais da região em que vivem; promover intencionalmente o desenvolvimento de uma consciência cívica; desenvolver a noção de sustentabilidade, de cujo equilíbrio depende a continuidade histórica local.

Com base no questionário aplicado aos professores que lecionaram a disciplina, no final do ano letivo, e nos resultados dos vários instrumentos de avaliação aplicados aos alunos, podemos concluir que as atividades realizadas, para a consecução dos objetivos definidos, garantiram o envolvimento dos estudantes no tema definido, e que o mesmo foi do agrado de todos os envolvidos, facto que apoia a continuação desta temática no ano letivo 2019|2020.

A disciplina de Oferta Complementar, ao desenvolver determinadas áreas de competência (informação, comunicação, linguagens, pensamento crítico, sensibilidade estética, meio-ambiente), contribuiu para a estruturação dos valores definidos no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, ou seja, para orientar atitudes, comportamentos e ações adequadas e desejáveis, contribuindo deste modo para a qualificação individual e a cidadania democrática.

EDUCADORAS DE INFÂNCIA EM SALAS DE BERÇÁRIO: Estudo exploratório sobre identidades profissionais

Bárbara Tadeu e Amélia Lopes | Centro de Investigação e Intervenção Educativas | Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

O presente artigo procura indagar as identidades profissionais de educadoras de infância que desempenham a sua ação profissional, em salas de berçário, em contexto de creche. Para além da conceptualização de identidade profissional, os contextos políticos, legislativo, de formação (inicial, especializada e contínua) e de prática profissional onde a pesquisa foi realizada são delineados. A articulação do quadro conceptual com as vozes dos participantes, perscrutadas através da realização de três grupos de discussão focalizada contribuiu para o estudo e conhecimento aprofundado do tema. O artigo inclui uma exploração sobre as perceções de profissionalismo descrito enquanto multidimensional, complexo não podendo ser reduzido a

uma lista de características pessoais, tarefas, responsabilidades e deveres. As experiências profissionais destas educadoras são consideradas à luz da necessidade de mudanças legislativas no que concerne o reconhecimento da prática profissional em creche como docência, o garantir a obrigatoriedade de educadores/as de infância nas salas de berçário e o efetivar-se na prática a intencionalidade educativa.

INTERDISCIPLINARIDADE E TRABALHO COOPERATIVO

Sofia Milheiro e Adelaide Rodrigues | Agrupamento de Escolas de Azeitão

No Agrupamento de Escolas de Azeitão, o trabalho colaborativo dos docentes em torno das Aprendizagens Essenciais permite definir áreas de confluência entre saberes, o que promove a interdisciplinaridade, a criação de diferentes ambientes educativos, dentro e fora das salas de aula.

O mundo em que vivemos caracteriza-se pela constante mudança a nível tecnológico, metodológico, científico, entre outros. Os nossos alunos estão cada vez mais ligados ao mundo virtual, às novas tecnologias e ao constante confronto com novos conhecimentos. Face a este cenário, a escola, tem de conseguir corresponder aos novos desafios que se impõem. Desta forma, a interdisciplinaridade como estratégia de ensino permite motivar os alunos para novas aprendizagens e desenvolver neles capacidades que lhes vão ser úteis no futuro, como, por exemplo, a recolha e análise de informação, o raciocínio e a resolução de problemas, pensamento crítico, o relacionamento interpessoal e de cooperação, a autonomia. Perante isto, é necessário "(des)arrumar" a sala de aula, criar novos ambientes educativos, proporcionar aos alunos momentos de interação, de partilha e de cooperação.

Esta apresentação deu, assim, a conhecer um pouco do que se fez/faz no Agrupamento de Escolas de Azeitão, partilhando dois exemplos (6º/8ºanos) de interdisciplinaridade em contexto educativo e salientando a importância do trabalho colaborativo, das equipas educativas, da nova organização dos espaços/salas de aula, bem como da contextualização das aprendizagens e da mais valia de uma avaliação contínua e sistemática ao serviço das aprendizagens, através do envolvimento ativo dos alunos no seu processo de aprendizagem.

Nas Oficinas do 5@BER sem Fronteiras privilegia-se a metodologia do trabalho de projeto. Acredita-se que os nossos alunos podem participar em todo o processo de aprendizagem. O professor assume um papel de orientador, mediador entre o aluno e o saber. Nas Oficinas não há barreiras entre as disciplinas, pode haver vários professores na sala de aula, os alunos planificam o seu trabalho, investigam, selecionam informação, usam as tecnologias de informação e comunicação, vão à biblioteca, ... Os professores não deixam de lecionar, o trabalho de projeto não é um trabalho extra que em nada tem a ver com o que se passa nas aulas, no resto da semana. Com esta metodologia, os alunos continuam a adquirir o conhecimento das diferentes disciplinas, apenas "sem fronteiras".

Todo este trabalho interdisciplinar só é possível com a colaboração entre pares (entre professores e entre alunos). O resultado disso, foram as duas experiências apresentadas. A de 6º ano, "À Volta das Descobertas", como todo o trabalho foi organizado ao longo do ano letivo, pelos alunos e pelos professores e a forma original em como decidiram apresentar o trabalho na festa final do agrupamento, com uma T-shirt "Descobre por ti em mim", onde era possível ver vídeos, PowerPoints, marcadores de livros, diversos textos, através da aplicação QR-Code. A de 8º ano, "O nosso lugar no Mundo", visava a exploração dos dezassete objetivos de desenvolvimento sustentável. Assim, foram apresentadas algumas das atividades interdisciplinares realizadas: desde a pesquisa dos objetivos de desenvolvimento sustentável, ao levantamento de problemas associados a cada objetivo, à apresentaçao de propostas de soluções e a delineação de ações a desenvolver (CN e Port); aos problemas associados com o desperdício de água e à criação de pequenos filmes de sensibilização (Mat, CN e Port); à representação personalizada dos objetivos de desenvolvimento sustentável (Oficina de Artes); à produção de folhetos informativos sobre a saúde reprodutiva (Geog, CD e TIC). Não fazendo parte das Oficinas, foi ainda possível envolver as disciplinas de Educação Física e de Físico-Química na atividade desenvolvida no Parque Ambiental do Alambre, assim como a disciplina de Inglês que deu o seu contributo para o projeto com a exploração do vídeo "World's Largest Lesson Part 3" e respetiva tradução para português. A exposição do projeto da turma também teve lugar na Festa do Agrupamento, com enfoque nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. No espaço foram expostos os trabalhos desenvolvidos em Oficina de Artes, a representação dos símbolos dos Objetivos, um mural sobre a poluição dos oceanos, com lixo recolhido na ação de voluntariado na praia do Creiro, cubos de resíduos marinhos recolhidos na mesma ação e cartazes informativos sobre "Pequenas ações que podem ajudar o Mundo" e "Produtos sustentáveis". O site da turma https://oficinas-do-5-ber.webnode.pt/ reúne alguns dos recursos utilizados e dos trabalhos realizados.

SALA 0.2.
Moderador: Pedro Florêncio | Diretor do Agrupamento de Escolas Ordem de Sant`Iago

PARA UMA EDUCAÇÃO PARTICIPADA NO CONCELHO DE SETÚBAL
Elisabete Cavaleiro e Lígia Santos | COSAP

A COSAP que representa, estatutariamente, as associações de pais e encarregados de educação do concelho de Setúbal, gizou, nos últimos dois anos, um conjunto de estratégias que permitiram dinamizar e desenvolver atividades envolvendo toda a comunidade educativa. Neste âmbito, promoveu a organização dos encontros "O Desafio da Autonomia e Flexibilidade Curricular nas Escolas" e a "Educação Inclusiva nas nossas Escolas" (livros de atas digitais); a cerimónia de entrega de prémios no âmbito da iniciativa "Escola Amiga da Criança" e "Projetar

a vida através da Escola". A convite da Câmara Municipal de Setúbal participou no "Há Festa no Parque", tendo divulgado atividades/eventos promovidos pela COSAP.
Das várias atividades delineadas para o ano letivo de 2019/2020, a COSAP está comprometida com o desafio da gestão das AEC do Agrupamento de Escolas Sebastião da Gama, em parceria com várias entidades de âmbito desportivo, cultural e social: APPACDM - Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Setúbal, Cooperativa Latitudes, Sociedade Musical Capricho Setubalense, Teatro do Elefante, Teatro Estúdio Fontenova e Vitória Futebol Clube. Este projeto resulta da conjugação de várias sinergias que visam contribuir para uma educação participada e de qualidade, envolvendo as referidas entidades com significativa expressão na comunidade local.
Para além deste projeto, a COSAP, com o objetivo de construir caminhos possíveis de cooperação, pretende incrementar o movimento associativo parental, promovendo o contacto entre as várias associações de pais do concelho de Setúbal. A cidade educadora compreende, igualmente, o envolvimento e participação dos encarregados de educação no contexto escola. Na COSAP fomenta-se uma crescente criação de alianças com toda a comunidade educativa, visando a melhoria da qualidade na escola pública, onde, de mãos dadas, esta será de todos e para todos.

ALIMENTAÇÃO E EDUCAÇÃO ALIMENTAR

Vera Azevedo e Cátia Silva | Câmara Municipal de Setúbal

A infância é uma fase da vida crucial para a aquisição de novos conhecimentos, incorporação de novos hábitos alimentares, novos sabores, texturas, cores e experiências de novos alimentos, possibilitando a prática de uma alimentação saudável, equilibrada e completa ao longo da vida e ainda consciencializar os pais, encarregados de educação e toda a comunidade.
O Município de Setúbal pretende contribuir para a promoção e adoção de hábitos e estilos de vida saudáveis. Como complemento do trabalho desenvolvido no âmbito das refeições escolares desenvolve nos jardins de Infância e escolas do 1º ciclo, projetos de educação alimentar, tais como os Amigos dos Hortícolas; os Amigos da Sopa; o Lanche Saudável; o Pequeno-almoço Saudável; a Comemoração do Dia Mundial da Alimentação ou a Comemoração do Dia Mundial da Água. Desenvolve ainda projetos em parceria como Os Super Saudáveis; os Heróis da Fruta-Lanche Escolar Saudável e a Fruta Escolar.
Os principais objetivos passam por (i) incentivar e sensibilizar as crianças sobre a importância do consumo de alimentos saudáveis; (ii) encorajar as crianças a orgulharem-se de praticar um estilo de vida saudável; (iii) apostar na diversidade alimentar e (iv) incentivar os pais, encarregados de educação e a comunidade para adotarem escolhas alimentares adequadas do ponto de vista nutricional e para os benefícios das mudanças nos hábitos alimentares praticados diariamente.

O método utilizado inclui a aplicação de questionários; ações de sensibilização; workshops (teóricos e práticos); atividades e jogos lúdico-pedagógicos e o acompanhamento da refeição do almoço no refeitório escolar.
Estes projetos têm permitido o alargamento dos conhecimentos sobre o que é uma alimentação saudável; mais benefícios na saúde com prática de uma alimentação completa, equilibrada e variada; a diminuição do desperdício alimentar e uma maior autonomia na escolha de alimentos saudáveis (lanches);
Os projetos de educação alimentar constituem uma mais valia para o público-alvo abrangido, verificando-se mudanças nos hábitos alimentares destes alunos, que está associado à promoção da saúde e prevenção de doenças crónicas, potencializando o crescimento e o desenvolvimento destas crianças.

TRANSLITERACIAS

Clara Mata | Agrupamento de Escolas Luísa Todi

O projeto Tr@nsLiteracias nasceu da necessidade, ainda sentida no 1º CEB, de romper com o modelo escolar assente na uniformidade, transferência de conhecimento, hierarquia, dependência e quantidade, dando lugar a uma escola mais democrática, na qual as práticas pedagógicas refletem: transdisciplinaridade, diferenciação, colaboração, corresponsabilização, autonomia e qualidade.
Também os docentes manifestaram a necessidade de desenvolverem competências digitais, de modo a integrarem ferramentas digitais e metodologias ajustadas, a uma efetiva diferenciação pedagógica, atendendo aos ritmos e estilos cognitivos dos alunos e orientando-os para a procura, a interpretação e a análise da informação, com espírito crítico e colaborativo.
Como tal, a Biblioteca Escolar do Agrupamento de Escolas Luísa Todi (AELT) elaborou, inicialmente, a proposta de formação "Literacias e Cidadania na era Digital", em articulação com o Departamento de 1º Ciclo e em colaboração com o Instituto das Comunidades Educativas (ICE), a qual foi, posteriormente, integrada num projeto, que submetemos à candidatura "Ideias com Mérito", da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), no ano letivo 2017/2018.
Com efeito, o Tr@nsLiteracias viria a ser eleito e apoiado pela RBE no âmbito desta candidatura, o que nos permitiu implementá-lo no ano letivo 2018/2019 em quatro escolas do AELT: EB Luísa Todi, EB n.º 6 – Monte Belo; EB n.º 4 – Pinheirinhos e EB Bairro Afonso Costa, abrangendo um total de 18 turmas e 23 docentes de 1º ciclo.
O projeto tem como missão *Qualificar as Aprendizagens*, através da mudança das práticas pedagógicas, enquanto objetivo estratégico.
São objetivos específicos do projeto Tr@nsLiteracias: (i) promover a integração transversal das literacias no currículo do 1º CEB, proporcionando estratégias múltiplas, de acordo com os níveis e estilos de aprendizagem dos alunos; (ii) diversificar recursos e ferramentas digitais,

flexibilizando metodologias e espaços de aprendizagem; (iii) promover práticas de cidadania, através da realização atividades e projetos transdisciplinares centradas no aluno, que desenvolvam competências para o exercício da cidadania ativa.

O Tr@nsLiteracias é operacionalizado a partir do referencial "Aprender com a Biblioteca Escolar" (AcBE), o qual facilita a inclusão das literacias no currículo explorando diferentes contextos, recursos e tecnologias. Assim são trabalhadas transversamente ao currículo, as literacias: da leitura, que explora formas de expressão (oral, escrita, visual e multimédia), dos media, que explora tipos de media e redes sociais de forma ética e responsável e da informação, que desenvolve competências de acesso, produção e uso crítico de informação.

A operacionalização assenta em três eixos de intervenção: (i) f*ormação AcBE*, que ocorreu entre setembro de 2018 e janeiro de 2019 e visou o desenvolvimento de projetos e atividades de literacia da leitura da informação e dos média e o desenvolvimento de competências digitais; (ii) p*rojetos*, que decorreu entre janeiro e julho de 2019, com o desenvolvimento de projetos e atividades, integrando as literacias nos processos de aprendizagem e com recurso a ferramentas digitais; (iii) c*idadania,* operacionalizando a área de Cidadania e Desenvolvimento e, nomeadamente, os domínios: direitos humanos, educação ambiental e igualdade de género através da mesma estratégia de intervenção, ao longo do ano letivo 2019/2020.

O trabalho colaborativo entre a biblioteca escolar e os docentes titulares de turma tem sido fundamental para o desenvolvimento deste projeto assente na promoção de literacias, que permitem uma leitura crítica do mundo e da articulação entre tecnologias digitais e novas metodologias.

Com efeito, tem sido a introdução de metodologias ativas: trabalho de projeto, a gamificação e a aula invertida que, juntamente com a introdução de novas ferramentas digitais (storyjumper, storybird, kahoot, padlet, biteable, powtoon e prezi), têm permitido inovar e qualificar as práticas pedagógicas, flexibilizando espaços de aprendizagem e melhorando a qualidade do sucesso educativo, elegendo as crianças enquanto sujeitos (e não meros objetos) do seu processo de aprendizagem.

Trabalhando deste modo, acreditamos estar a formar cidadãos autónomos, responsáveis, pró-ativos, críticos, persistentes e solidários, de acordo com os princípios, valores e áreas de competências expressos no *Perfil do Alunos à saída da Escolaridade Obrigatória* pois, como refere Júlio Pedrosa1: *"... [a literacia] é o abrir de caminho para se dispor das condições de cidadania plena, de capacidade para escolher o que se quer ser e fazer na vida, de participar nas comunidades e aprender pela vida fora." (Pedrosa, 2008: 115)*

SETÚBAL E O AMBIENTE

Tomásia Ferreira e Maria José Cruz | Agrupamento de Escolas Luísa Todi

A nossa intervenção incide sobre o trabalho desenvolvido por todas as escolas do Agrupamento de Escolas Luísa Todi (EB Luísa Todi, EB nº4 – Pinheirinhos, EB Afonso Costa, EB Humberto Delgado, EB Monte Belo, EB Alto da Guerra, EB Montinho da Cotovia, EB de Gâmbia) em prol do ambiente.

O público alvo abrange as crianças do Pré-escolar até aos jovens do 3º ciclo.

Os intervenientes são os alunos, os professores, os funcionários, a direção, o conselho geral, o conselho pedagógico, o conselho Eco-escolas, pais e encarregados de educação e Bibliotecas Escolares.

Envolvemos como parceiros a Câmara Municipal de Setúbal, as Juntas de Freguesia de S. Sebastião e Gâmbia, Pontes e Alto da Guerra, a ABAE – Associação Bandeira Azul da Europa, Ministério do Mar, Clube de Futebol "Os Sadinos", APPACDM, AMARSUL, Geração Depositrão…

"Setúbal e o Ambiente" por quê?

Porque o nosso Agrupamento promove muitas atividades, em prol do ambiente, numa área geográfica muito grande da cidade, numa perspetiva de tomada de atitudes por parte da comunidade educativa que protejam o ambiente na escola, na cidade e no mundo.

Os projetos que desenvolvemos (Eco-Escolas, Escola Azul e Selo Verde do Município) estão interligados e articulam com os conteúdos das várias disciplinas não perdendo de vista os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Trabalhamos os temas: Água, energia, resíduos, mar, floresta, biodiversidade, agricultura biológica, espaços exteriores, mobilidade sustentável, ruído.

Os ODS, aprovados pelos líderes mundiais reunidos na Assembleia-Geral da ONU a 25 de setembro de 2015, são fruto do trabalho conjunto de Governos e Cidadãos de todo o mundo para criar um modelo global de governança com a finalidade de acabar com a pobreza, proteger o ambiente e promover a prosperidade e o bem-estar de todos até 2030.

Assim, orientamos o nosso trabalho com o enfoque nas pessoas, nos direitos humanos e na resposta aos crescentes problemas ambientais. Como referimos anteriormente, o nosso trabalho depende de nós, intervenientes, do público alvo, dos parceiros e da comunidade escolar.

As crianças e os jovens são centrais neste apelo global de participação e a escola é essencial para dar a conhecer a nova agenda global, inspirar e incentivar as pessoas a participarem no desenvolvimento das comunidades.

AUDITÓRIO
Moderador: António Caetano | Diretor do Agrupamento de Escolas Barbosa du Bocage

CICLO DE DEBATES
Marta Gonçalves e Tomás Barão | Câmara Municipal de Setúbal
O Ciclo de Debates é um projeto embrionário e ambicioso que consiste na concretização de debates nas escolas de Setúbal, levando temas de relevância para muitos jovens, mas sobre os quais poucos se exprimem. A primeira edição, em 2018, incidiu no tema "Associativismo Juvenil", sendo "Vamos Falar de Sexo a Sério?" o mote para a edição de 2019. O programa é enriquecido pela presença de representantes de associações e pessoas a título individual cujo trabalho ou área de intervenção incidem no tema.

O projeto envolve a organização de sessões de debate e diálogo aberto com duração de 1h30, durante as quais os jovens têm a oportunidade de conversar com o painel de convidados de forma descomprometida, sem vergonhas, mas igualmente educativa.
Os principais objetivos passam por percorrer o máximo de escolas secundárias, básicas e profissionais do concelho de Setúbal, promovendo o espírito crítico dos jovens e permitindo-lhes abrir horizontes em temas importantes para a juventude. O painel de profissionais varia de sessão para sessão, procurando diversidade de dinâmicas e ajudando a surgir novas ideias sobre os mesmos temas.
No total das sessões estiveram presentes cerca de 1000 alunos de 10 escolas diferentes, com idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos. No geral, os jovens mostraram-se reticentes e tímidos numa primeira instância, mas interessados e participativos ao longo da sessão. Após grande parte das sessões, alguns alunos quiseram colocar mais algumas questões aos convidados, mostrando a importância que o debate teve para eles e vontade de participar em programas destes com mais frequência. Muitos professores mostraram vontade em repetir estas sessões para outras turmas e os próprios convidados em participar novamente.
Sentimos necessidade por parte de alunos e educadores no desenvolvimento de atividades educativas fora do contexto escolar normal por ser benéfico para a integração dos jovens no seu envolvente.

AUTARQUIAS AO VIVO
Nuno Costa | Presidente da Junta de Freguesia São Sebastião
A Junta de Freguesia de São Sebastião desenvolve há aproximadamente 15 anos o projeto "Autarquias ao Vivo" que surge com o principal objetivo de promover a cidadania ativa e a participação cidadã por via de aprendizagens não formais promovidas em contexto, criando condições para uma democracia participada.

Surge também com a preocupação de contribuir para a consolidação de alguns dos conteúdos previstos em currículo escolar, nomeadamente, no que concerne ao conhecimento das instituições e dos órgãos de poder.
Acreditamos que estas aprendizagens em contexto contribuem, de forma determinante, para a formação de pessoas responsáveis que conhecem e exercem os seus direitos e deveres, elevando, assim, a qualidade da democracia.
É um projeto dirigido às escolas do primeiro ciclo da freguesia de São Sebastião e prevê a realização de visitas guiadas à Junta de Freguesia, a todos os seus setores de ação, bem como a simulação, por parte dos alunos, do funcionamento dos órgãos da freguesia, nomeadamente da Assembleia e da Junta de Freguesia dando a conhecer e a "experimentar" o poder autárquico local.
Os alunos são convidados a encenar uma sessão de Assembleia de Freguesia, apresentando e discutindo propostas sobre problemas reais por si identificados e priorizados, tomando consciência do papel dos órgãos de poder local e central.
São ainda convidados a experienciar as várias atividades e funções desenvolvidas por esta autarquia, nomeadamente ao nível do Serviço de Higiene Urbana e Requalificação do Espaço Público.
Ao longo deste tempo as "Autarquias ao Vivo" já proporcionaram aprendizagens a cerca de 1800 crianças das várias escolas do primeiro ciclo da freguesia tendo, certamente, contribuído para alicerçar os princípios e valores fundamentais a uma cidadania plena.

UNISETI – VIVER E APRENDER EM SETÚBAL

Arlindo Mota e Manuela palma Rodrigues | Universidade Sénior de Setúbal, UNISETI

Sobretudo nas últimas duas décadas, registou-se na Sociedade Portuguesa um movimento inovador, protagonizado pelas designadas Universidades Seniores, no sentido de proporcionar à população com mais de 50 anos cursos livres de ensino superior, promovendo social e culturalmente a designada "terceira idade" nas áreas da educação, cultura, saúde e outras. É neste contexto que surge a UNISETI – Universidade Setubalense da Terceira Idade, CRL, uma cooperativa sem fins lucrativos, que iniciou a sua atividade em 3 de novembro de 2003.
Os principais objetivos passam por contribuir para o envelhecimento ativo e harmonioso da pessoa humana através da formação cultural, tecno-científica e sócio-afectiva dos cidadãos com idade igual ou superior a 50 anos.
A adoção da melhoria da qualidade dos serviços prestados como uma meta permanente e o reconhecimento da população sénior como um importante ativo da comunidade, constituem a metodologia de atuação.
A UNISETI foi reconhecida pela RUTIS (Rede de Universidades Seniores) como uma Universidade Sénior de excelência que, de uma forma inovadora e harmoniosa, promove o envelhecimento

ativo dos seus alunos, assente no contributo de docentes voluntários e em parceria com os mais relevantes parceiros comunitários do concelho;
Desenvolve atividades nas áreas da educação, cultura, saúde física, mental e emocional, tendo uma vertente lúdica que proporciona coesão e integração da população sénior. Como instituição setubalense tem contribuído para a qualidade de vida do cidadão sénior, para o desenvolvimento e valorização do papel social do idoso, para a sua autodeterminação e para um envelhecimento ativo, tendo em conta a evolução da sociedade, o aumento generalizado da esperança de vida e a absoluta urgência e necessidade de encontrar respostas sociais para uma faixa etária crescente da nossa população, conforme o desígnio inscrito no regulamento geral das Universidades Seniores (UTI's). Um corpo docente diversificado e de elevada competência, na maior parte oriundo do ensino secundário e superior, a par de técnicos qualificados; a promoção da Universidade de Verão (que vai na sua 6.ª edição) que reúne em Setúbal, todos os anos em Junho e Julho, especialistas de diversas áreas; a existência do CINE MAIOR IDADE, cineclube que, uma vez por mês, exibe para a comunidade UNISETI filmes de qualidade; as publicações que vai editando regularmente; as Conferências "O lugar do Sapal", em parceria com a CMS, que debatem, com a colaboração de especialistas de locais e nacionais, os grandes temas contemporâneos; os espetáculos de teatro que anualmente promove no Fórum Luisa Todi; a dinamização dos espaços culturais da cidade (Casa da Cultura; Biblioteca Municipal) através de debates e sessões de poesia; Criação e promoção, em parceria com a CMS, do Prémio Nacional de Poesia Popular António Maria Eusébio "O Calafate; as viagens turístico-culturais que promovemos ao longo ano, são algumas das atividades que fazem da UNISETI um referencial educativo.

"ESTUDO ACOMPANHADO", PROGRAMA NOSSO BAIRRO, NOSSA CIDADE"
Vereador Carlos Rabaçal, voluntária Filipa Serra e moradores dos bairros | Câmara Municipal de Setúbal
O Programa "Nosso Bairro, Nossa Cidade" aprofunda a participação democrática cidadã numa prática educativa de organização coletiva dos moradores da zona da Bela Vista, que por motivos diversos constituir-se num ícone nacional de exclusão associado a uma zona urbana do concelho. A estratégia definida pela autarquia, politicamente comprometida em assumir compromissos, num processo democrático, perante decisões coletivas dos munícipes aqui residentes gerou a implementação do projeto "Estudo Acompanhado".
Para provocar mudança no território a Câmara Municipal mudou o seu modelo de governação local, implementando um modelo de promoção de autonomia dos moradores que define soluções territoriais para problemas identificados, gerando respostas coletivas a problemas comuns. A eleição de representantes de moradores por prédio, pátio e bairro e a realização de

reuniões de moradores para análise de problemas e construção de propostas, são o método considerado para a afirmação de lideranças entre moradores e para o estabelecimento de compromissos entre a autarquia e os moradores, numa relação de respeito geradora de confiança.

O projeto "Estudo Acompanhado" tem como objetivo organizar uma resposta popular e voluntária de estudo para as crianças do 1º ciclo, para melhoria do sucesso escolar no concelho e tem como parceiros a Escola Secundária do Bocage, o Instituto Politécnico de Setúbal, a Universidade Sénior de Setúbal, voluntários externos aos bairros, que de forma autónoma se candidatam, e ainda as escolas da Ordem de Sant'Iago – Bela Vista e Manteigadas.

O impacto deste projeto num ano – 2018/2019, desenvolvido nos bairros da Alameda das Palmeiras, Bela Vista, Quinta de Santo António e Manteigadas, traduz-se em 59 crianças inscritas, 18 moradores dos bairros do Programa envolvidos no acompanhamento, e 18 voluntários externos.

O projeto irá manter-se no ano letivo 2019/2020.

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

Ana Luísa Costa | Escola Superior de Educação |Instituto Politécnico de Setúbal | ana.costa@ese.ips.pt

Nós estamos mesmo, mesmo quase a ir para casa! Estamos no fim de um dia cheio de aprendizagens no coletivo da cidade, nesta V Conferência Anual de Educação de Setúbal – Educar na Cidade, (somos) a Cidade que Educa. Estamos preparadas e preparados para voltar aos nossos locais de trabalho e continuar o compromisso de construir e de nos construirmos Cidade!

Penso que – e apresento as minhas saudações à Sr.ª Presidente da Câmara – conseguimos cumprir o desejo de tornar este encontro um espaço de debate e reflexão sobre o início do ano escolar e sobre um processo de educação que está integrado num mundo de desafios. E eu começo por agradecer o desafio que o Sr. Vereador Ricardo Oliveira me lançou, de estar aqui a fazer esta "prova oral", tentando fazer a síntese das muitas ideias que fomos partilhando ao longo do dia.

Cumprimento a Dr.ª Maria Emília Brederode Santos, que está connosco neste Encerramento, e partilho convosco a consciência de que esta síntese é necessariamente limitada pela minha interpretação (estou a usar uma ideia de Umberto Eco). Este limite da interpretação diz respeito ao facto de, em poucos minutos, não ser possível ter um discurso tão rico como todos os discursos que por aqui foram sendo construídos, porque não tive o dom da ubiquidade e não consegui assistir a todas as apresentações da parte da tarde, mas fundamentalmente porque sei que não pude assistir a uma parte muito rica de aprendizagem não formal, que decorreu nas

conversas entre os participantes e nos momentos de sociabilização, que são momentos muito ricos de aprendizagem e de formação entre educadores. Espero que tenha sido mesmo um dia que nos motive intrinsecamente para continuarmos a pensar a educação e a construir a Cidade Educadora!

Vou agradecer ainda ao coletivo da Câmara Municipal que organizou este encontro e que apoiou a Comissão Científica, em particular à Márcia Pacheco, e quero expressar o prazer que foi trabalhar com as minhas colegas, a Professora Ângela Lemos e a Professora Gina Lemos, na descoberta de projetos que não conhecia. Há pouco perguntava-se sobre o público: "é uma maioria de professores?" Dirijo as minhas saudações à grande maioria de professoras que aqui estiveram durante todo o dia, aos professores que também aqui estiveram e a todos os outros profissionais, que são educadoras e educadores na Cidade e que, entre todos, construíram um discurso de verbalização e de reconhecimento – e agora começo a citar a *Carta da Cidade Educadora* – "de personalidade própria" de Setúbal, "da sua identidade e complexidade" e, continuando a citar a *Carta* de princípios, que é "base dum diálogo fecundo com ela mesma e com outras cidades".

Vou, então, tentar fazer uma síntese das ideias principais do diálogo que se conseguiu ter no momento da mesa-redonda. Primeiro, com Miguel Ángel Essomba, que, com um discurso de quem está presente numa Cidade Educadora, chamou a atenção para que uma Cidade Educadora é um projeto que está sempre em construção. Portanto, nós não estamos aqui a tentar avaliar o que já está feito, os ganhos já conseguidos (isso seria o contrário da ideia de "educação não como um ponto de saída, mas como um lugar de chegada"). Ao diálogo com Barcelona ainda vou regressar mais à frente.

Lembro, da comunicação de Frederico Lopes, o desafio, o alerta e o sentido crítico e fino com que nos lembrou da invisibilidade das crianças na cidade, e também de alguma invisibilidade das crianças na escola, e da importância de olhar para as crianças como protagonistas dos processos de decisão. Foi uma chamada de atenção, num momento em que todos andamos a trabalhar em projetos para dar a voz aos jovens e dar a voz às crianças, relativamente à importância de isso não ser concebido como uma atividade que se faz "para as crianças", mas ser um trabalho "com as crianças", feito com honestidade, de forma genuína. Acreditamos, fundamentalmente, que as crianças são capazes de participar nos processos de decisão em todos os níveis. Ao nível das instituições e das diferentes divisões da Câmara, ao nível das escolas, não é discutível se os alunos têm lugar, ou não, num Conselho de Escola, se os alunos do Ensino Básico sabem ou não o que querem para eles próprios. Os nossos *millennials*, este ano e no ano passado, foram mostrando que sabem muito bem o que querem e que têm muito para nos ensinar.

Das comunicações seguintes, destaco uma continuação de diálogo que assenta em princípios educativos comuns. Por exemplo, referindo-me às palavras da comunicação de Gina Lemos, destaco a ideia de como é determinante ensinar tendo presente como motivar os alunos para

aprender melhor e assumir a avaliação como uma forma de agência. Saliento uma pergunta que Gina Lemos fez – e que fez agitar a sala toda: "como é que nos sentimos motivados para amanhã começarmos o ano letivo?" Hoje vamos estar um bocadinho cansada/os, mas amanhã voltamos a pensar nisto: "qual é a nossa motivação e como é que vamos trabalhar para motivar quem trabalha connosco?".

Finalmente, foi também muito interessante sair daqui com a ideia de que há um compromisso relativamente à ordenação do espaço físico da cidade, que responde a desafios que permitem a participação, a presença e a visibilidade das crianças no espaço da cidade.

Da parte da tarde, outros diálogos se foram estabelecendo, nos "caminhos que", na cidade de Setúbal, "se trilham em busca de experiências locais de sucesso", experiências que são respostas a contextos diferentes e, portanto, que têm de ser flexíveis. Estas experiências motivam-nos a pensar nas nossas realidades e a levar ideias para os nossos contextos. Desta partilha, foi interessante o número de participações (a Comissão Científica avaliou cerca de dezassete propostas e assistimos a mais de vinte apresentações), todas muito diferentes, de projetos vindos de divisões da Câmara Municipal de Setúbal, mas também de diferentes Escolas e Agrupamentos de Escolas e de outras entidades, públicas e privadas. Correndo o risco de me esquecer de algumas, vou referir a presença dos pais que pensam em educação, com a proposta da COSAP, os trabalhos da Casa da Avenida, da Universidade Sénior (porque a educação para todos e inclusiva não é só para as gerações mais novas), da Escola de Hotelaria, da Academia Luísa Todi, de muitos projeto de escolas… Sabem o que é que eu achei que ficou a faltar? Os muitos outros projetos de salas de aula, de escolas, de agrupamentos de escolas e de outras entidades que não apareceram e que eu espero que para o ano apareçam!

Dos contactos com todas estas experiências, que se construíram como "discurso coletivo de encontro com a Cidade e de definição da personalidade da Cidade", encontrei princípios comuns em Educação entre os projetos e igualmente comuns entre um texto que já tem quase 30 anos, que é o texto fundador da *Carta da Cidade Educadora*, e o texto do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, num sentido em que a Cidade Educa para dentro da Escola, mas a Escola faz parte da Cidade. O desafio que nos é colocado neste momento é educar fora de quatro paredes! Penso que não havia melhor ação de formação, com muitos créditos, senão a de vir pensar, novamente num sentido de que não saímos daqui com respostas, mas com muitas dúvidas e questões que continuarão a fazer-nos refletir, a trazer-nos inquietação. Esta foi uma boa ação de formação sobre o que pode ser trabalhar para o *Perfil dos Alunos*. Neste sentido do encontro de princípios de educação, destaco três ideias fundamentais, que foram comuns ao discurso que apareceu em vários momentos, deste lado do microfone e desse lado. São três ideias-principais que, simultaneamente, caracterizam Setúbal.

A ideia da diversidade, que está na cidade, nas suas gentes, mas também nas múltiplas formas de diversidade ao nível ambiental, que só podemos querer conhecer cada vez mais, de forma

mais profunda. Continuando a usar palavras inspiradas na *Carta da Cidade Educadora*, faz parte da própria complexidade da Cidade que Educa no século XXI reconhecer esta diversidade como característica e estimular a vontade de a preservar. Sabemos que, quando construímos aprendizagem e conhecimento através de projetos positivos de educação, temos de querer continuar a construir uma "cidade que sonha" e ter presente que a aceitação da diversidade passa pela vontade querer conhecer mais sobre a alteridade. Volto às palavras de Miguel Ángel Essomba: para não nos fecharmos nos nossos guetos, que é um perigo que tem estado presente na atualidade nacional e internacional, continua a ser nosso trabalho não só agir no nosso bairro e na nossa cidade, mas continuarmos a insistir em qualquer lugar mundo, não silenciarmos o horror do outro e o medo dos estranhos, que continuam a ser fruto da ignorância. Isto leva-me a outra ideia, que também me parece fundamental e que caracterizou vários dos projetos apresentados (e que caracteriza muitos dos projetos desenvolvidos em lugares de educação em Setúbal), que é a ideia de inclusão. Foram muito bonitas as palavras que a moradora Elisa, do Projeto *Nosso Bairro, Nossa Cidade*, usou para dar uma resposta no debate: "somos de várias cores, de várias etnias, mas somos todos lindos e já conhecemos os nossos vizinhos!" Esta construção de conhecimento do outro, que está ali ao nosso lado, é exemplo de um projeto verdadeiramente inclusivo, atento à diversidade e, introduzindo a terceira ideia, um projeto que cumpre a ideia de participação coletiva, nos processos de tomada de decisão, um projeto que pensa a educação participada. Guardei para o fim esta ideia, porque me pareceu que foi a mais forte. Aliás, se eu só pudesse escolher uma ideia-chave, seria esta ideia de educação participada, que marcou todo o discurso coletivo que aqui construímos.

Com muitos projetos, com as apresentações, em comunhão com os princípios educativos da *Carta da Cidade Educadora*, destaco o princípio de "pensar a Cidade Educadora como um veículo de formação sobre os valores e as práticas da cidadania democrática, o respeito, a tolerância, a participação, a responsabilidade e o interesse pela coisa pública" (incluindo o combate às desigualdades sociais, uma forma muito melhor de combater a insegurança do que ter formas de visionamento e de controlo público), "os seus programas, os seus bens e serviços". E de regresso às palavras de que partimos, do diálogo com a cidade de Barcelona, de Miguel Ángel Essomba, faço votos de que, por fim, possamos voltar para casa cheia/os de motivação, uma motivação renovada, mas q.b., para ser efetiva, na construção da Cidade Educadora que tende ao "profundo direito à Felicidade".

Maria Emília Brederode dos Santos, Presidente do Conselho Nacional de Educação

Muito boa tarde a todos.

Permitam-me que saúde em especial os meus companheiros de mesa, Câmara Municipal de Setúbal, na pessoa do seu vereador, o Dr. Ricardo Oliveira, e a minha amiga, a professora Ana Costa, da Escola Superior de Educação de Setúbal do Instituto Politécnico de Setúbal.

Não vou dizer mais nomes, apetecia-me dizer muitos mais nomes que sei que estão aqui na sala, mas como como falha sempre alguém é sempre muito embaraçoso. Então saúdo a todos e peço-vos desculpa de não saudar mais, em especial a alguns amigos que aqui estão.

Eu agradeço imenso o convite, não vou falar sobre o tema das cidades educadoras, pois neste momento já percebi, pela excelente súmula que a Ana fez, que estão muito mais dentro do tema do que eu estaria. Mas quero começar por agradecer muito o convite para estar aqui. Sabem que tenho muitas ligações a Setúbal, por um lado, tenho ligações familiares, por outro lado. Tenho ligações de vida e aqui vou ter mesmo de dizer um nome que está presente na plateia, que é o do professor Paulo Gama, porque era em casa dos avós dele, na estalagem, na famosa estalagem do Sr. Gama que passei provavelmente as melhores férias da minha vida. Era um centro cultural em si mesmo e isso acho que tem graça numa iniciativa sobre cidades educadoras. Os contextos que podem ser tão educativos e a estalagem do Sr. Gama era um verdadeiro centro cultural, porque se cruzavam debaixo daquelas lindas buganvílias roxas pessoas como o Saramago, que estava a sair da sombra para começar a aparecer como escritor; a Isabel da Nóbrega; o arquiteto Sommer Ribeiro; que tinha acabado de fazer o Museu Árpád Szenes-Vieira da Silva; o João Bénard da Costa; o Jorge Silva Melo, que vinha para cá filmar e trazia atores e personagens extraordinárias, como o Jean Pierre Leaud (e que nós acordávamos de vez em quando às quatro e às cinco da manhã quando ele se zangava com o anotador porque este não lhe trazia o argumento e coisas do género). Mas eu não vou falar mais porque já o ano passado estive a contar histórias sobre a Arrábida e a estalagem do Sr. Gama e não me quero repetir, mas quero com certeza agradecer muito à família do Paulo por nos ter proporcionado um contexto tão rico e tão agradável, (para já não falar das tartes de amêndoa, mas eu não vou continuar com estas histórias).

Também do ponto de vista profissional tenho uma ligação forte a Setúbal e gostava de explicar porquê. Nos projetos das escolas superiores de educação não estava incluído Setúbal e foi muito graças à professora Ana Maria Bettencourt, que conseguiu convencer o professor Marçal Grilo a criar também uma Escola Superior de Educação em Setúbal. Eu tinha vindo do mestrado em Boston e estava convidada para ir para a Escola Superior de Educação de Lisboa e não hesitei em escolher Setúbal porque me pareceu um projeto muito mais interessante do que ficar em Lisboa. Portanto tenho essa ligação e ao longo dos anos tenho mantido relação com a cidade e até fui recentemente Presidente do Conselho Geral do Instituto Politécnico de Setúbal, embora por pouco tempo.

Mas queria felicitar a Câmara por esta iniciativa, reparei que era a V Conferência Anual de Educação. Isto já traduz uma sustentabilidade, traduz uma intencionalidade, uma continuidade no tempo que lhe dá peso, gravidade e significado. Por outro lado, pelo tema, "Educar na Cidade, a Cidade que Educa", que como digo, não vou entrar propriamente na questão das Cidades Educadoras, mas não posso deixar de dizer que me parece que é um tema muito atual e até um

tema muito futurável. Porque, de facto, as mudanças que temos todos estado a sofrer ou a vivenciar, faz com que cada vez nos sintamos mais invadidos pelo futuro. Tudo parece que estava para o futuro, mas está a aproximar-se cada vez mais. Numa mudança que é muito acelerada, sobretudo devido à revolução tecnológica e às consequências dessa revolução tecnológica, quer na nossa vida de todos os dias, (pois já ninguém pode passar sem o telemóvel no bolso), mas também e sobretudo sobre o trabalho. Toda a reflexão e todas as perspetivas de trabalho estão muito incertas, vivemos numa grande incerteza. Sabemos que vai haver uma extinção muito grande de postos de trabalho, sabemos que outros vão ser criados, não sabemos qual o lapso de tempo entre uma coisa e outra. Sabemos que as competências para os novos trabalhos serão, com certeza, muito diferentes e, portanto, será necessária uma reconversão, quase que diria, maciça do ponto de vista profissional. Por outro lado, uma atualização permanente para os mais novos, que terão de ter uma formação que lhes permita uma atualização permanente.

A outra fonte de mudanças aceleradas, e que se está a impor cada vez com mais urgência, são obviamente as alterações climáticas e as suas consequências. Até a forma como isso tem influencia na nossa forma de compreender o mundo, um mundo cada vez mais complexo e para o qual é necessária uma compressão muito maior, com exigências muito grandes. Por outro lado, uma mudança de atitudes, todos sentimos que temos de mudar e isso é nos dito todos os dias. Perante as alterações climáticas e as ameaças ambientais todos temos de mudar de atitudes, de comportamentos e de modos de vida. Isso dá uma importância enorme à educação. A educação no século XIX e XX teve uma importância enorme, que se traduziu numa escolarização que permitiu, em Portugal, sobretudo na segunda metade do século XX, a instituição da escolaridade obrigatória, a expansão da escolaridade a toda a gente, o seu prolongamento por um número de anos significativo. Mas o que se prevê para o século XXI é penso eu, uma perspetiva de educação permanente, uma educação ao longo de toda a vida. Quando digo ao longo de toda a vida, quero dizer que é desde o nascimento até à morte. A professora Natália Alves outro insurgia-se contra o que ela chamava de genocídio estatístico das pessoas que tinham ultrapassado os 65 anos. A maior parte das estatísticas termina com a vida ativa e hoje sabemos como a educação é importante até em termos de qualidade de vida , de saúde, de longevidade e porque somos cidadãos até muito mais tarde. Portanto, insisto que a perspetiva de uma educação permanente é de facto não ao serviço da ativa mas uma aprendizagem ao serviço de cada um dos cidadãos e que vai do nascimento até à morte. Quando falo do nascimento é também porque se dá muita importância, hoje em dia, à fase dos zero aos três anos, que não é no sentido de uma escolarização, obviamente, mas no sentido de se perceber que é uma fase com grande desenvolvimento cognitivo e que a intencionalidade educativa nas instituições que tomam conta dos bebés, nas creches, nas amas, tem de ter também, uma atenção especial.

Eu gostava de falar também das implicações que esta perspetiva de educação permanente tem sobre outros aspetos, designadamente o regresso da motivação. À bocado achei interessante a professora Ana Costa falar de motivação, porque de facto, parece-me que é uma problemática que a certa altura saiu de moda mas que está a regressar em força. Porque a ideia de que a pessoa tem de se educar ao longo de toda a vida implica que exista uma disponibilidade para aprender ao longo de vida. Isso implica que existam experiências positivas de aprendizagem, o que não se coaduna muito com alguma atitude que prevalece ainda, em muitas escolas, de uma aprendizagem pelo medo. E isto é um bocado forte de se dizer assim, mas a verdade é que funciona com o não aprendes tens más notas, se tens más notas chumbas. Ou seja, é tudo feito pela negativa e, hoje em dia, penso que cada vez mais se põe isso em causa. Cada vez mais se defende outras formas de aprender e a necessidade de proporcionar aprendizagens agradáveis e positivas. Não é a ideia de vamos todos brincar muito para aprender e a aprendizagem lúdica, que até acho que faz sentido para uma determinada faixa etária, mas não é bem isso. É que as aprendizagens correspondam de facto aos interesses das pessoas, que as estimulem e que propiciem uma experiência positiva, que não esteja associada sempre a sentimentos negativos. Hoje sabemos que todos podem e todos devem aprender, que se aprende tudo, tudo se aprende, não só as aprendizagens académicas. Que se aprende de muitas maneiras, que se aprende e se ensina com todos, que podemos aprender com os nossos pares, as crianças podem aprender umas com as outras e também se ensina a todos. Aprende-se em todos os contextos e daí a importância de aprender na cidade. A importância da Cidade Educadora de que estiveram aqui a falar tão bem e durante todo o dia.

Quando vi esta questão da Cidade Educadora, recordei-me da primeira viagem que fiz a Paris e da impressão que me fez as paredes "falarem". Haviam muitas placas e muitos memoriais em cada esquina das ruas e que falavam e diziam que "aqui foi assassinado o resistente tal", "aqui conseguiu fugir tal pessoa", e aquilo suscitou-me um interesse enorme por exemplo, por toda a questão da ocupação da França, da II Guerra Mundial e da resistência francesa, dada simplesmente através das paredes da cidade de Paris. Quando agora por exemplo, em Portugal, começa a haver esse interesse, pois quando fui a Vilar de Mouros verifiquei que tinham posto uma placa com uma homenagem a todos os que saíram por razões políticas, a todos os refugiados, mas também aos emigrantes. Ou seja, a todos que deram o salto mas que ficaram ali com um memorial e que pode ser interessante e suscitar o interesse das pessoas que por ali passem, por essa época da vida de Portugal. Gostaria de vos dar também, um exemplo pela negativa, o metro de Lisboa tem obras de arte excelentes em variadas estações, mas muitas delas não têm a identificação do autor, nem informação sobre a obra. Parece-me um desperdício de papel educativo e de oportunidade educativa. É claro que as Cidades Educadoras não são só isto, têm um papel muito mais importante. Contudo a simples transmissão de informação através dessas notas, parece-me que é uma coisa importante e por isso, importa recordar que

se aprende em todos os contextos e que a Cidade Educadora é qualquer coisa de fundamental. Sendo que é responsável também, pela oferta da educação para adultos e que recordando o que dizia a professora Ana Costa, têm de ser diversificada, tem de ser inclusiva e tem de ser participada. Recordar que de facto a diversificação dos públicos da educação de adultos é uma coisa enorme, desde o analfabetismo, (que ainda é preciso combater, porque ainda há 5% de população analfabeta em Portugal), a aprendizagem de português como língua estrangeira para os imigrantes, a reconversão profissional, o envelhecimento ativo e o problemas dos jovens que não terminam a escolaridade obrigatória, não seguem para outras formas de aprendizagem e por outro lado, também não estão a trabalhar.

Por tudo isto, a educação de adultos tem de contemplar todas estas vertentes e ter métodos e conteúdos apropriados a todas estas formas.

Finalmente, gostava de recordar que a educação de adultos me parece extremamente interessante como fonte de inspiradora da própria escola, da própria pedagogia escolar. Aconteceu-me também ter estado numa escola, daqui do distrito, com uma experiência inovadora muitíssimo interessante. Interroguei de onde tinham vindo aquelas pessoas, que tinham tido aquelas ideias e dizerem-me que tinham trabalhado na educação de adultos e eu achei que era uma explicação para esse espirito que põe tudo em causa e que ousa mudar.

Terminaria com uma citação do professor João Costa, e peço desculpa por estar aqui a entrar na casa alheia, mas nós no CNE fizemos uma recomendação sobre a educação de adultos e antes fizemos um seminário, e ele teve a simpatia de o abrir e fez uma comunicação em que terminava com esta frade, e eu vou terminar com ela também: “Quando temos no plano de promoção do sucesso escolar medidas muito fortes de acompanhamento dos jovens para impedir o abandono, o que estamos a fazer é a trabalhar para que estes jovens quando chegarem à idade adulta, não venham engrossar as estatísticas que nos preocupam e para isso, muitas das medidas que estamos a implementar no ensino básico e secundário, quando se fala por exemplo, de flexibilidade e desenvolvimento curricular, são na verdade notícias velhas, quer para o ensino profissional, quer para a educação e formação de adultos. Trabalhar dimensões como a motivação, trabalhar a relevância das aprendizagens, trabalhar o envolvimento e a satisfação de quem está a aprender, trabalhar projetos integrados é aquilo que já se faz há muito tempo em educação e formação de adultos. Aquilo que vemos é a diferença pedagogia e andragogia a começar a dissolver-se. Temos muito a aprender com quem motiva os mais velhos, para ver como motivar os mais novos”. E eu termino com isto.

Ricardo Oliveira | Vereador da Câmara Municipal de Setúbal

Exmas. Sras. e Srs.

Estamos a concluir a V Conferência Anual de Educação. Foi um dia de trabalho intenso, de muito debate e reflexão, de partilha de experiências e boas práticas, de aprendizagem permanente.

Sendo Setúbal uma Cidade Educadora e, mais recentemente, membro de pleno direito da Rede das Cidades de Aprendizagem da UNESCO, a participação, a valorização das relações sociais e do espaço urbano, os valores da inclusão, da tolerância e da democracia, a curiosidade pela descoberta do que é novo e diferente, a promoção de hábitos de vida saudáveis, a promoção de memória, das memórias, da identidade e das identidades locais, a promoção do acesso à escolaridade e à formação, a defesa e promoção da escola pública e a valorização das gentes que estão ou passam por Setúbal, independentemente da idade, sexo, das convicções políticas e filosóficas, das crenças religiosas, são princípios que norteiam a ação e construção da nossa cidade.

Por essa razão propusemos como tema desta V Conferência Educar na Cidade, a Cidade que Educa. Por essa razão, decidimos desafiar os diversos serviços da Câmara Municipal de Setúbal, as escolas, a comunidade educativa, a academia e as diversas organizações sociais a apresentarem as suas experiências, o seu trabalho e a sua contribuição para a construção da Cidade Educadora que ambicionamos.

Poderemos afirmar que esta Conferência teve início há quase um ano. De novembro de 2018 a março de 2019 visitámos turmas das escolas do nosso concelho. Turmas do 3º e 4º anos, do 7º, do 9º e do 12º ano. Visitámos turmas de todos os agrupamentos de escolas do concelho. Essas visitas tiveram como objetivo discutir a nossa cidade de Setúbal enquanto Cidade Educadora.

Propusemos que nos indicassem o que gostavam e não gostavam na nossa cidade, o que propunham, o que gostavam de ver na nossa cidade.

A cidade que contém a escola e todos os espaços escolares, as ruas e os bairros e o todo, o Rio, a Serra, o Mar, os campos, as aldeias e lugares, os núcleos urbanos, as vilas e a cidade.

Falaram das condições das salas de aula, do material que têm e do que gostariam de ter; das aulas que gostariam de ter, na escola e fora dela; do desporto que gostariam de praticar; do tempo que gostariam de conviver com as respetivas famílias, do tempo de trabalho dos pais; do apoio que gostariam que fosse dado aos seus avós e da qualidade de vida que todos merecem; dos espaços verdes e de lazer e da higiene urbana; dos transportes públicos que são insuficientes; da proteção da natureza e da biodiversidade, do Sado e da Arrábida e do medo que a intervenção humana destrua ou comprometa a riqueza natural com que fomos brindados; da abolição de barreiras sociais, de classe e rendimentos, das barreiras arquitetónicas; dos passeios, das passadeiras e da reabilitação dos centros históricos; dos medos e das armadilhas que vida e a nossa organização económica e social nos impõem; falaram das injustiças que ambicionam, que ambicionamos abolir.

Falaram do desejo e do amor de viver, de viver na nossa cidade, da cidade onde nasceram ou para onde a sorte os trouxe.

Caros amigos (deixemo-nos de formalismos)

Esta árvore de opiniões e propostas que, muito resumidamente vos apresentei corresponde à ambição, à visão que as crianças e os jovens de Setúbal têm da sua cidade educadora.

Hoje tivemos os contributos de professores, de pedagogos, de escolas, de investigadores, de engenheiros e arquitetos, dos auxiliares, das famílias, das associações, de grupos de moradores, dos serviços do município e até de vizinhos para a construção da nossa cidade, das nossas cidades – espaços e territórios construídos pelas pessoas, pelas relações entre as pessoas e entre espaços, pela geografia e pela natureza, pelo tempo histórico, pela memória e pela ambição de futuro.

Num momento em que se discute muito do futuro do nosso país, em que diferentes perspetivas e propostas se apresentam à escolha e decisão popular, demonstrámos que em Setúbal, independentemente do calendário político e eleitoral e da agenda mediática, de forma construtiva e empenhada, na diferença e diversidade de opiniões e referências sociais, culturais e políticas, procuramos construir a nossa Cidade.

Neste momento de encerramento, e antes de enunciar os devidos agradecimentos a todos os que tornaram possível esta 5ª Conferência, partilharei convosco alguns dos contributos ou momentos mais significativos que marcaram o ano que passou e que irão marcar este que agora se inicia.

Concluímos a terceira fase do programa de investimento e requalificação das nossas escolas.

Eliminámos todos os riscos que as coberturas de fibrocimento, com amianto, representavam para as crianças do pré-escolar e do 1º ciclo das escolas públicas do nosso concelho. Melhoramos equipamentos, salas de aula, cozinhas, sanitários, espaços exteriores e acessibilidades. Equipámos salas de aula e investimos em equipamentos tecnológicos. Investimos na eficiência energética, no conforto térmico e na diminuição da pegada ecológica das escolas. Promovemos boas práticas ambientais e sociais. Implementámos o Selo Verde, também nas escolas.

Promovemos e apoiámos atividades complementares ao processo educativo. Promovemos o acesso à criação e a fruição culturais. Promovemos a prática desportiva e hábitos de vida saudáveis. Promovemos a mobilidade e a utilização de transportes públicos coletivos. Promovemos e apoiámos o debate, a troca de experiências e a participação estudantil e de toda a comunidade educativa.

Aderimos à Rede das Cidades de Aprendizagem da UNESCO e comprometemo-nos com o significado dessa adesão.

Iremos prosseguir este trabalho, ainda com mais empenho e atentos. Iremos prosseguir o investimento na qualidade e conforto das escolas, no acesso às novas tecnologias, na promoção de práticas e experiências educativas, tanto em ambiente escolar como fora dele. Iremos promover as acessibilidades às escolas e a segurança dos percursos. Iremos prosseguir o

envolvimento da cidade, dos espaços e dos recursos municipais e do território na formação e educação da nossa população, no envolvimento de toda a comunidade educativa.

Rejeitámos competências que não vinham acompanhadas de meios e recursos adequados e necessários. Estamos e estaremos disponíveis para melhorar, contribuir e encontrar soluções adequadas para asseguras as condições de estudo e formação das crianças e jovens do nosso concelho. Para a necessidade da requalificação da Escola Secundária de Bocage, para a requalificação das Escolas Básicas de Azeitão, de Bocage, da Aranguez, para a eliminação dos riscos do amianto na Aranguez e na D. Manuel Martins e para a construção dos pavilhões gimnodesportivos da Escola Básica de Azeitão de da Secundária D. Manuel Martins.

Por fim, gostaria de agradecer a presença e até a paciência de todos, de todos os que participaram nos debates, na partilha de experiências e de boas práticas, nas comunicações. Ao Agrupamento de Escolas Ordem de Santiago e à Academia de Belas Artes Luísa Todi agradecemos a vossa criatividade e disponibilidade para enriquecer a abertura desta Conferência. À Escola de Hotelaria e Turismo de Setúbal obrigado pela permanente disponibilidade para acolher a Conferência. Ao Fórum Municipal Luísa Todi e aos seus trabalhadores, obrigado pela paciência e competência demonstrada.

Aos restantes trabalhadores da CMS, da cultura, da comunicação, do protocolo, a todos os envolvidos, e em especial aos trabalhadores do Departamento de Educação e Saúde obrigado pela vossa disponibilidade e empenho. À Sara que desde o ano passado está connosco e nos ajuda a tornar as coisas simples, muito obrigado!

Ao António Caetano, à Fernanda Oliveira, ao Pedro Florêncio, à Clara Félix, ao Ramiro Sousa, ao António Batista e à Adelaide Fernandes, obrigado pela moderação dos painéis de apresentação das experiências.

Gostaria de agradecer ao Miguel Àngel, ao Frederico Lopes, à Gina Lemos, ao Miguel Madeira e ao Ricardo Santos que connosco partilharam a Mesa Redonda desta manhã.

Gostaria de agradecer à Ana Costa e à Ângela Lemos que com a Gina Lemos se disponibilizaram para constituir a Comissão Científica da Conferência.

À Maria Emília Brederode dos Santos que comigo e a Ana Costa partilham este encerramento muito obrigado! É e será sempre muito bem-vinda a Setúbal e ao seu Portinho.

Gostaria de agradecer a presença de um membro do governo com a pasta da educação, mas tal não é possível. O calendário letivo e os vários compromissos de agenda e eleitorais não permitiram a presença que gostaríamos de ter tido. Mas façamos justiça, presença que sabemos ser desejada pelos próprios.

Obrigado a todos e até para o ano, na VI Conferência Anual de Educação!